
ECOLOGIA

Mônica Scano Segura

**ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E
EDUCAÇÃO: REFLEXÕES EM BUSCA DE
UMA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA
INTEGRAL**



Rio Claro
2017

MÔNICA SCANO SEGURA

ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES EM
BUSCA DE UMA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA INTEGRAL

Orientador: Prof. Milton Cezar Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Ecóloga.

Rio Claro
2017

574.5 Segura, Mônica Scano
S456e Ecologia, espiritualidade e educação: reflexões em busca
de uma consciência ecológica integral / Mônica Scano Segura.
- Rio Claro, 2017
61 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro
Orientador: Milton Cezar Ribeiro

1. Ecologia. 2. Espiritualidade. 3. Homem. 4. Natureza. 5.
Alfabetização ecológica. 6. Ecologia profunda. 7. Ecologia
integral. I. Título.

DEDICATÓRIA

Na oração que desaterra a terra
Quer Deus que a quem está o cuidado dado
Pregue que a vida é emprestado, estado
Mistérios mil que desenterra, enterra

Quem não cuida de si que é terra, erra
Que o alto Rei, por afamado, amado
É quem lhe assiste ao desvelado, lado
Da morte ao ar não desaferra, aferra

Quem do mundo a mortal loucura, cura
A vontade de Deus sagrada agrada
Firmar-lhe a vida em atadura, dura

Ó voz zelosa que dobrada, brada
Já sei que a flor da formosura, usura
Será no fim dessa jornada... nada.

Gregório de Matos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar esse trabalho agradecendo meus pais, que me colocaram nesse caminho e sempre respeitaram e apoiaram minhas escolhas. A Faculdade é uma experiência que vai muito além das salas de aula. Ao mesmo tempo em que te dá a oportunidade de conviver com pessoas totalmente diferentes de você, te mostra também que tem muita gente por aí que partilha dos seus sentimentos. É um ambiente que te traz experiências únicas e te permite crescer. Por isso, agradeço a vocês, Victor e Inez, por terem me aberto esse Universo, mesmo que sem saber o quanto ele significaria para mim. Vocês, mais do que ninguém, podem ver o quanto essa experiência realmente me formou.

Ao professor Miltinho, que aceitou ser meu orientador mesmo que meu TCC não tivesse nada a ver com a área dele, que me apoiou desde o princípio, e por sempre ter me passado o sentimento de que acredita no meu potencial – às vezes mais do que eu mesma. E, além disso, agradeço por existirem pessoas como você no meio dessa loucura que é a faculdade, alguém que fala e ouve com o coração.

Ao professor e amigo Luisinho, que mesmo já sendo ocupado o suficiente se dispôs a me ajudar nesse trabalho – e acho que nem imagina o quanto me incentivou e me abriu a cabeça, e também me ajudou nos primeiros passos, que são os mais difíceis. Muito obrigada por me permitir contar com você!

Às minhas amigas e amigos de vida, eu agradeço simplesmente por existirem. Saibam que vocês me ajudaram mais do que imaginam. Não sei o que seria de mim sem vocês!

Agradeço também à Ecologia como um todo, por ter entrado em cada fresta de minha vida e aberto minha visão de mundo.

E a Vida por fim, porque tudo que está aqui nesse trabalho foi ela quem me mostrou. E por ter colocado cada pontinho de luz desse no meu caminho. Por eles fazerem parte da minha história. Agradeço por existirem essas pessoas a quem admirar, e que eu carrego hoje em boa parte do que sou.

Termino esse ciclo sem saber o que me espera, mas com muita felicidade e uma saudade que eu sei que vai me acompanhar para sempre. Que venham os próximos ensinamentos.

"Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra. Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não vai só nem nos deixa só. Leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, e há os que não levam nada. Essa é a maior responsabilidade de nossa vida, e a prova de que duas almas não se encontram ao acaso."
(Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

Atualmente o termo Ecologia tem recebido cada vez mais novos olhares, retratando temas e englobando assuntos e estudos que vão muito além daqueles que são abordados no meio acadêmico. E é entre essas novas abordagens que surge a espiritualidade. Estudos e textos que unem ecologia e espiritualidade podem ser encontrados sendo publicados por um grupo muito diverso de pessoas, que vão desde cientistas até religiosos. O que todos possuem em comum é a busca em entender essa ligação interior que o homem possui com a natureza, e como essa conexão – ou a falta dela – pode afetar nosso planeta nas mais diversas esferas (ambiental, social, econômica, política), e também a nós mesmos.

Este estudo tem por objetivo buscar a relação existente entre espiritualidade e ecologia, e como a junção dessas duas coisas pode atuar no desenvolvimento e na educação de pessoas mais conscientes em relação a maneira como se relacionam com sua casa – o eco – sendo essa uma possível ferramenta de combate à crise ambiental que estamos vivenciando.

Palavras-chave: Homem. Natureza. Alfabetização ecológica. Ecologia profunda. Ecologia Integral.

ABSTRACT

Nowadays the term Ecology has received more and more new glances, portraying and encompassing subjects and studies that go far beyond those that are approached in the academic environment. And it is among these new approaches that spirituality arises. Studies and texts linking ecology and spirituality can be found being published by a very diverse group of people, ranging from scientists to religious. What everyone has in common is the search to understand this inner connection that man has with nature, and how this connection - or the lack of it - can affect our planet in the most diverse spheres (environmental, social, economic, political) and also ourselves. This study aims to search the relationship between spirituality and ecology, and how the combination of these two things can act in the development and education of more conscious people in relation to how they relate to their home - the Eco - being this a possible tool to combat the environmental crisis we are experiencing.

Keywords: Man. Nature. Ecological literacy. Deep ecology. Integral Ecology.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 1.1. Objetivo e Justificativa | 13 |
| 1.2. Métodos | 13 |
| 2. ECOLOGIA NO MUNDO ATUAL | 14 |
| 2.1. Ecologia Ambiental | 17 |
| 2.2. Ecologia Social | 17 |
| 2.3. Ecologia Mental | 18 |
| 2.4. Ecologia Integral | 19 |
| 3. ESPIRITUALIDADE | 21 |
| 3.1. Espiritualidade e Transpessoalidade | 22 |
| 4. ECOLOGIA E ESPIRITUALIDADE | 26 |
| 4.1. Traçando alguns paralelos | 28 |
| 4.2. Exemplos na Ecologia | 32 |
| 4.2.1. Ecologia Profunda | 32 |
| 4.2.2. Ecologia Espiritual | 33 |
| 5. A ESPIRITUALIDADE E A CRISE AMBIENTAL CONTEMPORÂNEA | 37 |
| 5.1 Consciência e Espiritualidade | 38 |
| 5.2 Ecologia Transpessoal | 38 |
| 5.3 Ecopsicologia | 39 |
| 6. ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO | 41 |
| 6.1 Educação e Espiritualidade | 43 |
| 6.1.1 Inteligência Espiritual | 44 |
| 6.1.2 Educação Integral | 45 |
| 6.2 Ecologia Profunda e Educação | 47 |
| 6.3 Alfabetização Ecológica: um exemplo prático | 49 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 55 |

1 INTRODUÇÃO

O termo Ecologia tem recebido cada vez mais novos olhares e abrangendo temas que transpassam aqueles abordados no meio acadêmico, englobando assuntos que vão muito além daquele que era apresentado como conceito original. Entre essas abordagens alternativas podemos encontrar a Ecologia Social, a Ecologia Profunda, a Ecologia Integral, a Ecologia Transpessoal, e mais recentemente vemos a popularização de termos como ecopsicologia e ecofeminismo. O que esses novos segmentos possuem em comum é a visão que eles têm de uma Ecologia num sentido mais humano e menos acadêmico, reconhecendo a interdependência e a ligação de todos os fenômenos que ocorrem na Terra, sejam eles individuais, coletivos, naturais, sociais, psicológicos, como parte de um mesmo processo, sendo regidos pelos mesmos princípios.

Espiritualidade e conceitos

Essa visão de mundo onde tudo está interligado, que reconhece que os seres vivos – incluindo o homem – estão todos conectados numa rede interdependente, parte de uma percepção ecológica que, em última análise, pode ser considerada uma percepção espiritual, sendo essa percepção relacionada ao despertar de uma consciência na qual o indivíduo tem uma sensação de conexão com o cosmos como um todo (CAPRA, 1996).

O conceito de espiritualidade vem sendo muito usado em diferentes abordagens e esferas de conhecimento que não apenas o religioso. Algumas ciências como sociologia, psicologia, física e – como veremos mais adiante - a ecologia, também começaram a incluir a questão espiritual dentro de seus estudos. Primeiramente, esclarecemos que espiritualidade não é sinônimo de religiosidade. A espiritualidade muitas vezes é vista como sendo mais sobre o crescimento pessoal e obtenção de uma compreensão sobre seu lugar no cosmos do que a religião, sendo muitas vezes ligada a um sentimento de reverência pela natureza e responsabilidade ambiental (VAN NESS, 1996; KING, 1996; TAYLOR, 2001 apud TAYLOR, 2013).

A palavra latina *spiritus* significa “sopro” ou “respiração”. Sendo assim, a espiritualidade tem sido definida por muitos autores como um sentimento de unidade e conexão com tudo que existe. “Essa experiência transcende não apenas a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o eu e o mundo. A

percepção central nesses momentos espirituais é uma profunda sensação de pertencer ao universo como um todo” (CAPRA, 2011).

O psicólogo, antropólogo e mestre em ciências humanas e sociais Roberto Crema, assim define a Espiritualidade:

“Espiritualidade é uma consciência não dual, uma consciência de uma participação da parte no todo. Uma pessoa que despertou para a Espiritualidade é uma pessoa que não se vê separada do outro, da comunidade e do universo.” (CREMA, 2006).

Portanto, ela pode ser vista como um modo pelo qual as pessoas entendem e conduzem as suas vidas, ou como um processo guiado por uma busca pela transcendência (a sensação que ser humano é mais do que existência material) e criação de laços – com outros, com a natureza ou com uma divindade (MUELLER, PLEVAK & RUMMANS, 2001).

Ecologia e sociedade

Já o termo Ecologia foi utilizado pela primeira vez pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866, em sua obra *Generelle Morphologie der Organismen*, e deriva de duas palavras gregas *oikós* (casa) e *logos* (estudo). Assim, Ecologia significa literalmente “o estudo de nossa casa”. Haeckel definiu Ecologia como “o modo que os organismos se relacionam entre si e com o meio externo” (HAECKEL, 1866).

Apesar de grande parte dos estudos na área terem sido conduzidos para uma análise mais biológica e exata desse relacionamento entre os organismos e seu meio, o termo e seu conceito têm ganhado novos horizontes. A ecologia está aos poucos deixando de ser vista apenas como um conhecimento sistematizado de fenômenos e passando a ser aplicada no cotidiano e nas inter-relações das pessoas entre si e com o meio em que vivem. Isso porque no mundo atual, onde o homem está em praticamente todos os ambientes, não é mais possível olhar para os fenômenos e processos ambientais de forma isolada sistemas humanos, e vice-versa. Se faz necessário re-unir ecologia e sociedade, pois “as preocupações com a ecologia e o meio ambiente são problemas sociais, e assim deve ser entendido todo trabalho voltado para tais áreas” (SORIA, 2012).

Como disse Dietrich (2007) “O que temos de entender é que a crise social e a crise ecológica que estamos vivenciando brotam do mesmo modelo de desenvolvimento. São intrínsecas ao atual modelo de sociedade [...]”.

Dessa forma, existe então a necessidade de se adotar uma abordagem em Ecologia que trabalhe com o desenvolvimento de um novo modelo de sociedade, pois quando a mesma busca ser somente científica, pode estar deixando de fazer grandes contribuições ao meio-ambiente. Em um cenário global onde temos todos os tipos de crise se perpetuando ao longo dos anos, se nós partirmos do princípio que todas elas estão ocorrendo dentro da nossa casa, podemos concluir que todas elas, no fim, podem ser abordadas sob um ponto de vista ecológico.

Ecologia e espiritualidade

E é buscando unir essas visões – sociedade e natureza - que retornamos ao significado da palavra “espiritualidade”. Podemos dizer que tais crises, tanto as ecológicas quanto sociais, têm uma mesma origem - a desconexão do homem consigo mesmo e com o ambiente em que vive. E, assim, as crises são em última análise, uma crise de percepção. É necessário enxergar que todos esses problemas são sistêmicos – estão todos ligados e são interdependentes.

Como temos dificuldade em compreender ou aceitar que muito do que está acontecendo no mundo decorre da maneira como nós temos nos posicionado diante dele, acabamos gerando desequilíbrios na sociedade e nos ecossistemas. Isso porque no atual modelo de sociedade, “a visão dualista da realidade impregnada na ciência separa corpo e espírito, pensamento e sentimento, ciência e religião, objetividade e subjetividade, bem como dissemina um comportamento individual e social voltados para a competição ao invés da cooperação” (BARRETO, 2006).

Para quem busca unir ecologia e espiritualidade, essa visão separatista que o homem tem entre ele e a natureza nada mais é do que a falta de se sentir conectado com o todo.

“Como seres humanos, somos convocados a desenvolver uma consciência em que a criação deixa de ser vista como objeto de domínio. Somente a vivência dessa relação do ser humano com a criação possibilitará novas relações sociais e ambientais” (VIEIRA, 1999).

Por outro lado, se o homem se encontra num estado de conexão consigo mesmo e com a natureza, entendendo seus processos, seus ritmos e ciclos, é de se esperar que suas atitudes sejam mais conscientes, em consonância com o equilíbrio dinâmico da Terra.

Se buscarmos reunir homem e natureza, talvez encontremos uma saída mais efetiva para os problemas e dificuldades que temos vivenciado na busca pela preservação do meio-ambiente e seus organismos e por sociedades sustentáveis. Portanto, o desenvolvimento do ser humano como indivíduo que se sente conectado e ligado com tudo o que acontece na natureza e com os outros seres vivos é a base de uma Ecologia que busca entender e solucionar as crises pelas quais estamos passando.

E é graças a isso que o termo espiritualidade tem aparecido cada vez mais em estudos e textos e trabalhos sobre Ecologia. Cada vez mais as pessoas tem enxergado os desequilíbrios que estão ocorrendo em nosso mundo como sendo, no fundo, desequilíbrios internos do homem. Essa relação segue uma linha de pensamento ecológico-filosófico denominado “Ecologia Profunda”, proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess, em 1973. Para ele, esta ecologia surge do reconhecimento interior da unicidade das pessoas com a natureza, da identificação dos seres humanos não só com seus semelhantes, mas com à totalidade da humanidade, assim como animais, plantas, e outras formas naturais, e só a partir desse sentimento é que o homem resgata seu equilíbrio natural.

“A percepção de estar conectado com toda a natureza é particularmente intensa na ecologia. A conexão, a relação e a interdependência são conceitos fundamentais da ecologia; e a conexão, a relação e o pertencer também constituem a essência da experiência espiritual. Por isso, acredito que a ecologia é a ponte ideal entre ciência e espiritualidade” (CAPRA, 2011).

Sendo assim, devemos buscar uma forma de entender a Ecologia de uma maneira mais holística, que conceba o mundo como um todo integrado, como um organismo vivo, e não como uma coleção de partes dissociadas. Essa visão holística reconhece a interdependência de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (CAPRA, 1996).

A partir do momento em que se observa o mundo como uma rede de conexões onde tudo está interligado, podemos integrar conhecimentos que a princípio parecem não ter relação, mas que possuem padrões fundamentais que conecta todos eles (WILBER, 2009). Dessa forma, podemos observar uma ligação entre o desenvolvimento da espiritualidade e a prática de ações mais conscientes tanto em relação ao meio-ambiente quanto a vida em sociedade. Com isso o investimento nessa visão integral é extrema importância para a percepção ecológica.

Conforme ilustra Fritjof Capra (1997), “se temos a percepção, ou a experiência ecológica profunda de sermos parte da teia da vida, estaremos naturalmente inclinados a cuidar de toda a natureza viva.”

Ao adotarmos uma visão mais integral do homem com tudo o que o cerca, analisando nossas relações e conexões com pessoas, plantas, animais e paisagens, nos enxergando como parte indissociável do lugar em que vivemos, estaremos mais próximos de soluções efetivas diante dos problemas ambientais que estamos enfrentando.

Dessa maneira, é necessário que se compreenda como e onde Ecologia e Espiritualidade se unem, sendo então possível compreender as relações indiretas que existem no mundo, e caminhar para um desenvolvimento de pessoas que possam reestabelecer esse contato interior que temos desde o princípio com a natureza.

Ecologia e espiritualidade no mundo

A área que une Ecologia e Espiritualidade tem crescido exponencialmente desde os anos 90 até hoje. Em uma busca breve na internet, podemos encontrar muitos institutos e universidades que desenvolvem programas com o tema, como o All Hallows College, o California Institute of Integral Studies, Schumacher College, University of Chicago, University of Florida, University of Hawai'i/Manoa, Vanderbilt University, entre outras – todas possuem estudos que abordam e ligam ecologia, espiritualidade, religião e natureza.

Além disso, muitos acadêmicos, ativistas, líderes e pensadores estão pedindo por uma reconsideração na maneira em que vivemos e nos valores espirituais que suportam nossa existência no planeta. A devastação ecológica pede e tem recebido respostas científicas, econômicas e políticas. Mas ainda assim, tais respostas têm sido insuficientes para trabalhar a crise, pois nosso modo de viver continua sendo o mesmo. E é em busca de um futuro mais sustentável que surgem esses trabalhos, que sugerem que repensemos nossa relação e conexão com o mundo natural, com as pessoas e comunidades ao nosso redor, e os valores que guiam nossas ações individuais e coletivas.

Posto isso, o tema Ecologia e Espiritualidade foi escolhido para elucidar o que seria essa ligação entre as duas coisas, e também para entender qual pode ser o papel da espiritualidade na busca por soluções diante das crises ecológicas

sistêmicas que estamos vivenciando. Dessa maneira saberemos melhor como ela pode ser inserida em nossas vidas para que tais soluções sejam efetivas.

Muitos pensadores têm chegado a um entendimento de que a crise ecológica representa uma crise de consciência humana, e requer revisão fundamental de valores culturais. A espiritualidade oferece um entendimento profundo dessa condição humana, juntamente com ensinamentos sobre como os humanos devem se relacionar entre si e com toda a vida na Terra. Questões sobre o papel e significado do homem tem guiado as religiões por milênios; essas mesmas questões inspiram a busca contemporânea por sustentabilidade ecológica.

Ecologia, espiritualidade e educação

A educação como conhecemos hoje já vem se tornando ultrapassada há muito tempo. Os trabalhos que têm surgido buscando uma nova forma de lidarmos com nós mesmos na hora de educar são muitos, e já estão se mostrando eficientes. Essa nova maneira de educar busca ver as pessoas sob um ponto de vista mais integral, buscando direcionar e estimular o desenvolvimento das pessoas para além do raciocínio lógico e utilitarista. Buscam ainda explorar seus lados criativos, emocionais, sociais e espirituais. E, sendo a Ecologia a maneira como os seres se relacionam entre si e com o meio em que vivem, uma educação que busque despertar a espiritualidade pode ser uma ferramenta para olharmos mais profundamente e entendermos melhor essa ligação entre nós e o mundo ao nosso redor. Isso nos permitiria sermos mais conscientes de que a maneira que conduzimos tais relações está intimamente ligada ao equilíbrio ecológico de nosso planeta. Dessa forma, pensando que as crises ambientais que temos vivenciado provêm do modo que vemos o mundo e nos relacionamos com ele – e que isso se reflete e também é produto da maneira que nós educamos – unir ecologia e espiritualidade nesse momento pode ajudar a mudarmos essa relação de maneira positiva. Além disso, uma educação que una ecologia e espiritualidade, onde seja possível de se entender a ligação entre as duas coisas, pode trabalhar para que as pessoas criem uma consciência que auxilie a responder as crises ecológicas atuais de uma perspectiva integral e transdisciplinar. Podemos, assim, criar habilidades e percepção para transformar práticas, visões de mundo e consciência a serviço de um futuro mais sustentável.

Para trazer mais luz ao tema central deste estudo procuramos por artigos que abordassem essa nova maneira de se trabalhar a educação, e como ela se relaciona com espiritualidade e ecologia.

A ideia de abordar esse tema com um foco em educação foi porque buscamos, além da compreensão do tema, um possível método de atuação, e levar esse conhecimento para uma técnica educacional é uma maneira de torna-lo acessível e possível de ser praticado.

1.1 Objetivo e Justificativa

O objetivo deste estudo é entender como a espiritualidade pode auxiliar no processo de compreensão e aprendizagem de ecologia, atuando como ferramenta de desenvolvimento de uma consciência ecológica integral, e conseqüentemente entender qual o papel dessa ferramenta nas crises ecológicas que estamos vivenciando. Esse entendimento parte de uma busca por uma sociedade em que suas práticas e a maneira como ela se relaciona entre si e com o meio em que vive sejam sustentáveis e estejam em equilíbrio.

1.2 Métodos

Os artigos de revisão são uma forma de pesquisa que utilizam de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisas de outros autores, com o intuito de fundamentar teoricamente um determinado objetivo (ROTHER, 2007). O presente estudo é uma revisão bibliográfica narrativa. Segundo Cordeiro et al. (2007):

“A revisão narrativa ou tradicional apresenta uma temática mais aberta do que a revisão sistemática; dificilmente parte de uma questão de pesquisa bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva”.

A revisão narrativa é utilizada para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Esse tipo de revisão não fornece a metodologia para a busca das referências, nem as fontes de informação

utilizadas, ou os critérios usados na avaliação e seleção dos trabalhos. (BERNARDO; NOBRE; JANETE, 2004 apud BOTELHO *et al*, 2011).

Assim, esse tipo de revisão “constitui, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas, e da interpretação e análise crítica pessoal do autor”. (ROTHER, 2007).

Seguindo esse método, foi realizada uma busca não sistemática e levantamento bibliográfico de artigos, livros e outros textos que abordassem os temas ecologia, espiritualidade e educação. A partir da leitura da bibliografia selecionada procuramos esclarecer a relação entre esses temas, e entre as ideias contidas nos textos e o objetivo do estudo.

Dessa maneira, buscamos por leituras que possam nos responder:

- Como o desenvolvimento da espiritualidade pode ajudar a compreender o tema Ecologia? Que insights ecológicos a espiritualidade oferece?
- Qual é o papel da espiritualidade nas crises ecológicas de nosso tempo?
- Como ecologia e espiritualidade se unem dentro do processo educacional? E de que maneira isso pode atuar positivamente no processo de conscientização ambiental?

As fontes escolhidas para esse trabalho foram aquelas que abordavam esses paralelos entre ecologia, educação e espiritualidade. A busca pelas leituras foi feita com auxílio da ferramenta “google scholar”. Ela se deu em torno de livros, artigos, textos em revistas, sites, e outras fontes que tratavam do assunto. Os temas e palavras-chave escolhidos para a busca das fontes foram (em português e em inglês): ecologia, espiritualidade, religião, natureza, ecologia profunda, ecologia integral, educação integral, e alfabetização ecológica. Sendo a seleção dos artigos arbitrária, muitos textos surgiram da leitura de outros textos que levaram a eles. Não foi estipulada uma quantidade de textos para o trabalho, ficando esse número em aberto até acharmos que encontramos informação o suficiente. A análise crítica surgiu como conclusão pessoal das leituras.

2 ECOLOGIA NO MUNDO ATUAL

Ecologia é um campo de estudo que possui abertura para muitas abordagens diferentes. A princípio, a Ecologia surgiu como uma ciência que buscava entender a relação dos organismos entre si e com o meio que os envolve, mas isso é muito

pouco para caracterizar a importância e a abrangência do que seria a Ecologia nos dias de hoje. Antes de mais nada, ciência - do latim *Scientia* - significa sabedoria, e caracteriza-se pela busca de conhecimento sistemático dos fenômenos do mundo. Porém, esse conhecer quase sempre veio acompanhado de um propósito de dominação da natureza. “Um de seus objetivos básicos é tornar o mundo compreensível, proporcionando ao ser humano meios de exercer controle sobre a natureza”. (COTRIM, 2002 apud LEITE, 2008). Esse conceito perdura até hoje e é representado pela nossa visão antropocêntrica de mundo. Além disso, vivemos em uma sociedade que eleva o conhecimento científico acima dos outros tipos de conhecimento, como os tradicionais por exemplo, os quais possuem saberes, crenças e rituais próprios. As delimitações estabelecidas a partir do campo científico separaram a experiência humana do mundo, o mundo em sua existência objetiva e o entendimento subjetivo do mesmo. Isso criou uma dualidade em nosso universo que praticamente desassociou sujeito e objeto, aquele que estuda e aquilo que é estudado, só relevando aquilo que pode ser constatado pela objetividade do método científico (STEIL & CARVALHO, 2014). E, não diferente de outras ciências, o estudo da Ecologia foi desenvolvido dentro dessa ideia de dualidade, como algo que é exterior e a parte de nós.

Porém, quando se trata do estudo da nossa casa (*oikós* - casa e *logos* - estudo), nosso modo de habitar o planeta não está separado do nosso modo de conhecê-lo.

Ao estudarmos a maneira como os seres se relacionam, não podemos separar o sujeito do objeto. Todos são sujeitos, e todos são objetos. Não temos como separar ou desassociar natureza e cultura, o sujeito da sociedade, o corpo da mente. Ao analisar a grande cadeia de acontecimentos dentro de nosso planeta, vemos que tudo está interligado. Por isso não existe maneira de falar de meio-ambiente sem que falemos de nós mesmos – pois somos parte integrante desse meio ambiente.

Ecologia, como sabemos, trata de relações – mas essas relações devem ser consideradas em todos os seus níveis para que possamos compreendê-las por completo. Se queremos entender porque o ambiente se comporta de determinada maneira, temos que estar atentos aos padrões. E hoje em dia já começamos a entender que os padrões da natureza se manifestam desde escalas microscópicas até macrocósmicas, em todas as esferas. Por isso, para termos um olhar efetivamente ecológico, devemos evitar o pensamento dualístico moderno, e não

mais nos vemos como sujeitos analisando objetos, e sim como parte de tudo isso. A percepção de uma Ecologia que permeia todo nosso modo de viver e de pensar está muito mais próxima de entender o funcionamento de nosso planeta do que a Ecologia que apenas procura e se baseia em modelos que, ao final, quase que necessariamente tem que ser comprovados por métodos estatísticos.

Graças a isso, existe uma tendência crescente em se falar de Ecologia como algo além do estudo da relação entre os organismos e seu meio e de seus devidos “papéis” nesse meio, uma Ecologia que busca manter o equilíbrio ecológico em todo nosso modo de viver e de enxergar o mundo, que busca ser colocada e praticada em todos os níveis de existência.

“Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção” (CAPRA, 1996).

A divisão dos saberes e dos acontecimentos e o dualismo científico não permite uma compreensão integral do que acontece em nosso planeta, e isso tem se mostrado uma barreira na solução dos problemas ambientais. Para entendermos a nossa casa, necessitamos antes de mais nada entendermos a nós mesmos. A Ecologia permeia tudo o que existe, e por sua complexidade e abrangência deve ser transdisciplinar. Temos, dessa forma, que ir além das disciplinas. Há muito que ela deixou de ser unicamente um ramo das ciências biológicas. Seu princípio pode ser aplicado aos mais diferentes campos, e hoje podemos encontrar muitos campos que nasceram dessa junção entre a Ecologia e outras ciências como as humanas, as políticas, as sociais, as econômicas e filosóficas, sendo que cada um desses campos possui seu próprio corpo de conhecimentos e aplicações. Thomas Berry (1999 apud RIBEIRO, s.d.) diz que “a ecologia não é um curso ou um programa. Ela é o fundamento de todos os cursos, todos os programas e todas as profissões, porque a ecologia é uma cosmologia funcional”.

Um autor que retrata bem essa abrangência da Ecologia é Leonardo Boff (2012), que divide a Ecologia em três tipos primordiais de entendimento, que dão origem a todos os outros campos. Estas três dimensões não estão separadas, elas

se interligam e dependem uma da outra para funcionar em harmonia. São elas a Ecologia Ambiental, a Ecologia Social, e a Ecologia Mental (ou Pessoal). Além delas, temos a Ecologia Integral, que é a união dessas três dimensões: indivíduo, sociedade e a natureza. “A Ecologia Integral é uma investigação holística sobre as relações entre seres humanos e meio ambiente” (LOPES, 2012).

2.1 Ecologia Ambiental

Esse foi o primeiro campo da Ecologia, e pode ser considerado o mais acadêmico. Essa é a Ecologia que se preocupa principalmente em entender o funcionamento dos ecossistemas e de suas relações. Estuda a interação entre as espécies de animais e de plantas e sua inserção no ambiente, quase sempre de maneira deslocada do ser humano e da sociedade. Sendo assim, da Ecologia Ambiental surgem ramos como a Ecologia Vegetal, que descreve a composição vegetal de uma área, estuda a distribuição e abundância das plantas, as interações entre membros da mesma espécie e de espécies diferentes e as suas interações com o meio ambiente (KEDDY, 2007); a Ecologia Animal, que envolve o estudo da dinâmica, distribuição e comportamento das populações animais e das inter-relações dos mesmos com seu meio ambiente (RIBEIRO, s.d.); e a Ecologia Energética, que estuda as transformações de energia dentro de uma comunidade ou ecossistema, como as redes tróficas, as teias e cadeias alimentares, produção primária, produção secundária, e os ciclos biogeoquímicos.

A Ecologia Ambiental também é a que analisa as causas diretas de determinados problemas ambientais e procura maneiras – também diretas - de evitar ou minimizar tais problemas, no sentido de manter o equilíbrio ecológico e a manutenção da biodiversidade.

2.2 Ecologia Social

A Ecologia Social é a que defende um desenvolvimento sustentável que atenda às carências básicas dos seres humanos sem sacrificar o meio-ambiente, considerando também as necessidades das gerações futuras. Nesse sentido, o bem-estar não pode ser apenas ambiental, mas deve ser também social. Ele tem que atender aos demais seres da natureza, como os animais, as plantas, os microrganismos e suas inter-relações ecológicas, pois todos juntos constituem uma

comunidade única, na qual estamos inseridos e da qual dependemos. As atividades humanas devem ser consideradas como uma parte integral da complexidade do mundo vivo. Nesse sentido, uma cidade é tão parte do mundo natural, tão “ecológica”, quanto uma floresta. A interação das relações ecológicas é altamente complexa e extremamente sensível a qualquer mudança no sistema, e como humanos, nós somos parte desse sistema, da biosfera, e continuamos a afetar todas as outras partes da terra numa escala global (PHILLIPS, 1999), mesmo que grande parte do tempo nos sintamos separados do meio natural.

A Ecologia Social também diz que os problemas ecológicos têm sua origem no desejo de domínio existente dentro da sociedade humana, sendo o domínio sobre a natureza apenas uma projeção desse desejo. Ela defende que não é o número de pessoas, mas sim a forma como se relacionam umas com as outras e com o meio envolvente que produz as crises sociais e ecológicas no mundo. A superprodução e o consumismo são os sintomas, não as causas, de um assunto mais profundo ao redor das relações éticas. Dessa maneira, a Ecologia Social preocupa-se então com o modo como vivemos em sociedade: como construímos nossos ambientes, como produzimos, como organizamos nossos modos de produção, como distribuimos os recursos produzidos, e até como nos relacionamos uns com os outros. Isso porque uma maneira de trabalhar o uso dos recursos é entender a maneira que vivemos em sociedade.

E é graças a isso que tal Ecologia considera que a crise ecológica é essencialmente uma crise social. Como a natureza inclui os seres humanos, deve-se examinar o papel que estes desempenham no mundo natural, principalmente por sermos os seres que mais interferem no meio-ambiente. Murray Bookchin, autor do livro "A Ecologia da Liberdade", em um artigo sobre Ecologia Social, diz que:

“Praticamente todos os problemas ecológicos que enfrentamos nesse momento se originam de problemas sociais profundos, e por isso não podem ser resolvidos sem uma profunda compreensão de nossa sociedade atual. Devemos entender que a atual sociedade capitalista precisa ser substituída por aquela que chamamos de sociedade ecológica, isto é, uma sociedade que implique nas radicais mudanças sociais indispensáveis para eliminar os abusos ecológicos” (BOOKCHIN, 2007).

2.3 Ecologia Mental

A Ecologia Mental, ou Ecologia Pessoal, parte do princípio de que a Natureza está dentro de nós. Para Leonardo Boff (1995), existe uma ecologia interior e uma ecologia exterior que se condicionam mutuamente. O estado do mundo está ligado ao estado de nossa mente. Se o mundo está enfermo isso significa que o estado de nossa psique está enfermo também. A Ecologia Mental busca “construir uma integração psíquica do ser humano para com o meio natural e social para fortalecer o equilíbrio mais duradouro com o universo” (SABER, 2011).

Assim sendo, a Ecologia Mental considera que os problemas ecológicos estão relacionados com nossa cultura de pensamento, e que é necessário formar pessoas capazes de perceber a crise ambiental a partir de dentro. “A Ecologia Mental procura construir uma integração psíquica do ser humano que torne mais benevolente sua relação para com o meio natural e social” (BOFF, 1995).

Ela trabalha aquilo que está dentro da mente, como nossas visões de mundo, cultura, valores e preconceitos. Grande parte de nossa agressão contra a natureza ou descuido com a mesma tem sua fonte dentro de nós, em hábitos que se expressam em nossa cultura antropocêntrica. Essa prática deve ser mudada a partir de uma mudança em nossas mentes, que preze pelo ecocentrismo - uma visão de mundo centrada no meio-ambiente - onde todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia intrincada de relações. Essa atitude é responsável por um sentimento de conexão, onde tudo faz parte de uma rede de relações, e esse sentimento de conexão se reflete nas outras Ecologias – a Social e a Ambiental.

2.4 Ecologia Integral

Por fim, buscando unir todas as Ecologias existentes, temos a Ecologia Integral. O termo "integral" sugere que a Ecologia é relevante e pode ser praticada em todos os aspectos do conhecimento humano. A Ecologia Integral propõe um olhar integrado das dimensões pessoal, social e ambiental. As ações em cada uma dessas dimensões têm reflexos umas nas outras numa complexa rede.

Desde seu surgimento com Ernst Haeckel em 1866, o campo da Ecologia se multiplicou, se dividiu e se transformou em vários outros campos diferentes. Cada um desses campos tenta capturar algo não incluso nas outras abordagens, e cada área do conhecimento parece ter um campo correspondente em Ecologia. Porém, essa divisão resulta numa visão fragmentada da Ecologia. Hoje em dia existe uma

enorme diversidade de visões de Ecologia e meio-ambiente. Com dezenas de perspectivas distintas sobre o mundo natural - e com pesquisadores, economistas, psicólogos e outros muitas vezes assumindo posições completamente diferente sobre os assuntos – como seria possível chegarmos a um acordo para resolver os problemas ambientais de nosso século? Entendemos ser necessário uma estrutura que ajude a conectar todas essas abordagens de uma maneira prática, mas que ao mesmo tempo respeite cada visão única. A Ecologia Integral busca fornecer essa estrutura, uma maneira de integrar múltiplas abordagens de ecologia e estudos ambientais de uma maneira transdisciplinar do mundo natural e nossa atuação dentro dele. Ela une e enriquece mutuamente o conhecimento gerado por diferentes disciplinas e abordagens, sempre focando na conservação do meio-ambiente.

Então, para entendermos a Ecologia Integral precisamos enxergar os princípios ecológicos em todos os tipos de relação – entre homem e sociedade, homem e natureza, e até a relação do homem consigo mesmo e sua visão de mundo. Sob essa perspectiva, onde qualquer aspecto de nossa vida pode ser colocado sob um ponto de vista ecológico, onde se percebe que tudo é, em maior ou menor escala, uma rede de interações que conecta todas as coisas, nossa forma de agir e de viver não está separada do meio-ambiente. Como exemplo, além de estudar as conseqüências ecossistêmicas das emissões tóxicas, a Ecologia Integral também se preocupa em examinar as diversas estruturas sociais, econômicas e políticas envolvidas na produção e liberação dessas emissões. Ao afirmar a importância de cada uma dessas perspectivas, a Ecologia Integral busca minimizar visões reducionistas. Por exemplo, evita a redução de dimensões psicológicas e culturais em comportamentos simplesmente objetivos. As perspectivas subjetivas e intersubjetivas - incluindo crenças, dimensões psicológicas, valores, cultura, tradições religiosas, etc - devem ser incluídas na caracterização de problemas ambientais. Em outras palavras, quanto mais realidade reconhecemos e incluímos, mais sustentáveis serão nossas soluções, exatamente porque elas buscarão responder à complexidade dessa realidade. Não podemos excluir grandes dimensões da realidade e esperar resultados abrangentes e sustentáveis. Eventualmente, as realidades que foram excluídas exigirão reconhecimento e incorporação, já que o projeto reducionista normalmente falha. Daí a necessidade de uma abordagem integral.

Em resumo, existem inúmeras abordagens que podem ser incluídas na perspectiva ecológica: filosóficas, espirituais, religiosas, sociais, políticas, culturais, comportamentais, científicas, psicológicas. Cada uma trabalha um componente essencial, mas muitas vezes permanece em silêncio em relação a outras dimensões importantes. Para superar essa fragmentação que pode surgir, a Ecologia Integral busca uma maneira de unir todas as abordagens, uma Ecologia que honra não apenas a ecologia de sistemas e comportamentos, mas também inclui os aspectos culturais e subjetivos. É necessário integrar as realidades objetivas com realidades subjetivas (por exemplo psicologia, arte, fenomenologia) e intersubjetiva (por exemplo religião, ética e cultura). Com efeito, a Ecologia Integral une a consciência, a cultura, a ciência e a natureza a serviço da sustentabilidade. Ela permite uma compreensão abrangente de como as muitas abordagens disponíveis, ecológicas ou não, podem ser unidas para informar e se complementar (ESBJÖRN-HARGENS, 2009).

3 ESPIRITUALIDADE

Considerando a definição de Ecologia Integral descrita anteriormente, iremos discutir sobre como a Espiritualidade pode ser agregada aos conhecimentos de Ecologia e assim contribuir para o tema, e também como a Ecologia pode ser analisada do ponto de vista da Espiritualidade.

Falar sobre e discutir o tema espiritualidade não é uma escolha simples. Primeiro porque o conceito de espiritualidade abriga muitas definições diferentes, dependendo da linha que se busca seguir. Segundo porque a Espiritualidade em si reside mais no campo dos sentidos do que da razão, o que torna o tema mais complicado por estarmos tratando aqui de um trabalho científico. Por isso, nessa parte do trabalho buscaremos elucidar melhor o conceito de espiritualidade que pretendemos usar e que se aproxima mais das ideias que serão apresentadas.

Antes de mais nada, devemos deixar claro que essa espiritualidade não está relacionada diretamente com a religiosidade, embora a segunda esteja sempre relacionada à primeira em algum nível. “A religiosidade é cada vez mais caracterizada como estreita e institucional, e a Espiritualidade como pessoal e subjetiva” (ZINNBAUER, 1997). Esta distinção - entre a religião como "organizada" e a espiritualidade como envolvendo valores morais mais profundos, provavelmente é a maior diferença entre os termos. Assim, a busca do espiritual ocorre não só a partir

das tradições religiosas, mas também pelo autoconhecimento, da preocupação social e ambiental, entre outras causas a favor de um bem maior.

Se analisarmos as origens da palavra “espiritual”, podemos traçar sua ligação com a vida em si. As palavras para “alma” em sânscrito (atman), em grego (psyche) e em latim (*anima*) tem sempre um mesmo significado: “sopro”. O mesmo vale para as palavras que significam “espírito” (do latim *spiritus* e do grego pneuma). Elas também significam “sopro”. “Nas línguas antigas, tanto a alma quanto o espírito eram descritos pela metáfora do sopro vital. A ideia comum a todas essas palavras é a de que a alma ou o espírito são o sopro da vida” (CAPRA, 2002).

Essa ideia de sopro da vida remete à intensa vitalidade experimentada durante os momentos no qual vivenciamos nossa espiritualidade. A experiência espiritual é uma experiência que envolve mente e corpo, na qual nos sentimos como uma unidade viva. Os budistas dão a isso o nome de “presença da mente”, e ressaltam o fato de que essa “presença da mente” é profundamente ligada ao corpo. “Além disso, essa experiência da unidade transcende não só a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o eu e o mundo. A consciência dominante nesses momentos espirituais é um reconhecimento profundo da nossa unidade com todas as coisas, uma percepção de que pertencemos ao universo como um todo” (CAPRA, 2002). Capra, em seu livro “O Tao da Física”, diz:

“Na medida em que compreendemos como as raízes da vida se aprofundam até as realidades da física e da química, como o desdobramento da complexidade começou muito antes da formação das primeiras células vivas, e como a vida evoluiu durante bilhões de anos usando repetidamente os mesmos padrões e processos básicos, percebemos quão estreitamente estamos ligados com todo o tecido da vida.” (CAPRA, 2011)

Consequentemente, a Espiritualidade está estreitamente relacionada a nossa existência no planeta Terra.

3.1 Espiritualidade e Transpessoalidade

A Espiritualidade encontrou abertura na ciência através do estudo da consciência e do conceito de transpessoalidade. Francisco Di Biase, professor, neurocientista, organizador do I Simpósio Nacional sobre Consciência, lembra que:

“O estudo da Consciência fora banido desde o século XVII do domínio da ciência, quando Descartes separou o homem de seu espírito, relegando o assunto às discussões teológicas. Galileu chegou a afirmar que somente os fenômenos quantificáveis eram admitidos no domínio da ciência. Ele disse: ‘Aquilo que não pode ser medido e quantificado não é científico’; e na ciência pós-galilaica, isso passou a significar ‘o que não pode ser quantificado não é real’” (DI BIASE, 2006).

Essa dicotomia se instaurou e se enraizou em nossa sociedade ocidental, e persiste ainda hoje na visão de mundo mecanicista e reducionista predominante. Além de dividir o homem em mente e corpo, este paradigma cartesiano separou também o homem do universo e de sua fonte espiritual. Porém, mais recentemente pudemos ver a consciência passar a ser analisada sob o ponto de vista da ciência, e a visão holística deixar de ser considerada apenas misticismo. “Com isso, conceitos como espiritualidade, que antes eram estudados apenas pela teologia e filosofia da mente, entram no campo científico.” (ARRUDA, 2016)

O movimento transpessoal foi um dos propulsores da ideia de Consciência e de Espiritualidade. A abordagem transpessoal surgiu como uma linha da Psicologia que buscava ir além da visão positivista que era pregada pelas linhas anteriores. Para CAPRA (1982, apud Leite 2008), “A dissolução do dualismo sujeito/objeto requer um estado mental em que os problemas individuais sejam percebidos em seu contexto cósmico. Tal percepção surge no nível transpessoal da consciência”. De forma objetiva, a Transpessoalidade é o estudo de um estado de consciência onde a fronteira entre o “eu” o mundo exterior se dissolve, em que desaparece o que chamamos de ego e surge uma vivência que está além (LEITE, 2008). A Psicologia Transpessoal é o ramo da psicologia especializado no estudo dos estados de consciência, mais especificamente dos estados ditos “superiores”, “ampliados” ou “transpessoais” da consciência” (FERREIRA, 2007). Nela, os estudos sobre espiritualidade passam pelo conceito de transcendência.

Podemos dizer que a Psicologia como ciência pode ser dividida em quatro grandes correntes, ou “quatro forças”, sendo a Psicologia Transpessoal a última dessas quatro a surgir. A primeira força é o Behaviorismo, seguida da segunda força, a Psicanálise de Freud. Quando essas duas primeiras foram desenvolvidas, a Psicologia não se preocupava com assuntos que não se enquadravam na ciência

mecanicista e reducionista da época, ignorando temas como valores, a consciência, espiritualidade, auto-realização e transcendência. A terceira força que vemos surgir é a Psicologia Humanista, sob a liderança de Abraham Maslow, como uma reação contra essa visão mecanicista e determinista das concepções comportamentais anteriores. Uma característica que define a posição humanista é sua ênfase sobre o indivíduo, considerando sua totalidade e sua unicidade. Na psicologia de Maslow já podemos encontrar referências a espiritualidade, porém ela enfatiza o desenvolvimento das potencialidades humanas, o que ele chama de “realização do máximo potencial humano” ou “autoatualização” (CRAPPS, 1986 apud FERNANDES, 2012).

Nesse contexto, a Espiritualidade e a Consciência entram de vez na Psicologia a partir da chamada quarta força, a Psicologia Transpessoal. Fundada na década de 60, a Psicologia Transpessoal enfoca o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da psique. A psicologia transpessoal surgiu quando os fundadores da psicologia humanista se tornaram insatisfeitos com o modelo que eles haviam criado por deixar de fora um elemento extremamente importante que é a dimensão espiritual da psique humana (GROF, 2016 apud ARRUDA, 2016).

A experiência transpessoal pode ser definida como “aquela em que o senso de identidade ou do eu ultrapassa (trans + passar = ir além) o individual e o pessoal a fim de abarcar aspectos da humanidade, da vida, da psique e do cosmo” (WALSH, VAUGHAN, 1997 apud SALDANHA, 2006). Antony Sutich, um dos fundadores do *Journal of Transpersonal Psychology*, definiu a Psicologia Transpessoal como

“[...] o estudo empírico e a implementação das vastas descobertas emergentes das metanecessidades individuais e da espécie, valores últimos, consciência unitiva, valores do ser, experiência mística, último sentido, transcendência de si, espírito, unidade, consciência cósmica, vasta sinergia individual e da espécie, encontro supremo, interpessoal, sacralização do cotidiano, fenômeno transcendental, bom humor cósmico, consciência sensorial [...]” (SUTICH, 1969)

Além das necessidades básicas e aspectos de auto realização, Maslow observou em suas pesquisas o que ele chamou de experiências culminantes, que incluem sentimentos de comunhão com a natureza e de união com tudo o que existe. São momentos em que nos tornamos profundamente envolvidos e integrados

com o mundo ao nosso redor, unindo nossos universos internos e externos (GROF, 1988 apud SALDANHA, 2006). Tais experiências vão de encontro com a definição de espiritualidade que tratamos anteriormente.

Dessa maneira, assim como a biologia é um componente de todo ser humano, o espiritual não é de um homem em particular, e sim de todos, à medida que a dimensão humana inclui essencialmente essa capacidade de transcendência.

Clayton Levy, terapeuta e jornalista formado em Psicologia Transpessoal e mestre em Divulgação Científica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), diz que:

“De acordo com essa psicologia, a transcendência é uma necessidade intrínseca à natureza humana. Não se trata, porém, de algo do mundo divino que estaria fora do mundo material, pensamento herdado da visão dualista da realidade, que separou o mundo material do mundo espiritual. As pessoas que vivenciam esses estados pensam de modo holístico e transcendem a visão dualista. Transcendência, portanto, na visão transpessoal, não está reduzida a um conceito religioso ou posturas místicas. Refere-se a uma pulsão vital intrínseca à biologia subjetiva do ser humano, mas que pode estar entorpecida por situações existenciais particulares. Entretanto, os indivíduos que se propõem a reconhecê-la e desenvolvê-la, adquirem uma energia psíquica intensa, que lhes permite enxergar a vida, o universo e a si mesmos de forma integrada” (LEVY, 2016).

Em seu artigo “Does Spirituality represent the 6th factor of personality?”, Piedmont (1999) analisa essa existência do fator espiritual na personalidade do homem. Comparando a Transcendência Espiritual com as medidas do chamado Five Factor Model (FFM - Modelo de Cinco Fatores) -, o qual separa a personalidade em cinco tendências genotípicas dos indivíduos para pensar, agir e sentir (McCrae & Costa, 1995), Piedmont encontrou que a Transcendência Espiritual é independente das outras medidas do FFM. Dessa maneira, argumentou-se que a Transcendência Espiritual representa um domínio motivacional comparável às outras dimensões contidas no FFM e que deve ser considerado uma dimensão psicológica distinta da personalidade.

Piedmont cita que os componentes que incluem tal Transcendência são: um senso de conexão, uma crença de que se é parte de uma orquestra humana maior, no qual sua contribuição é indispensável na harmonia da criação contínua da vida; universalidade, uma crença na natureza unitária da vida; sentimentos de alegria e contentamento que resultam de encontros pessoais com uma realidade

transcendente, entre outros – componentes que passam por cima de todos os outros cinco domínios do perfil FFM.

Ele pontua que Transcendência Espiritual refere-se a capacidade dos indivíduos de se situar fora de seu senso imediato de tempo e espaço para ver a vida de uma perspectiva maior e mais objetiva.

“Essa perspectiva transcendente é uma onde uma pessoa vê uma unidade fundamental por de baixo das diversas manifestações da natureza e encontra uma ligação com ela que não pode ser quebrada. Nessa perspectiva mais holística e interconectada, os indivíduos reconhecem uma sincronicidade com a vida e desenvolvem um senso de compromisso com os outros” (Piedmont, 1997).

Portanto, a Transcendência é uma capacidade fundamental do indivíduo, uma fonte de motivação intrínseca que direciona e seleciona comportamentos, e se liga à espiritualidade no ponto em que fala sobre essa compreensão da existência de algo maior, desse sentimento de conexão com a unidade da vida.

A espiritualidade ou a capacidade de transcendência são componentes importantes de nossa personalidade, e não simplesmente extensões de outras necessidades ou disposições. Essas construções tem um papel importante em formar direção e coerência em nossas vidas. Sendo assim, a busca pela espiritualidade em qualquer de suas múltiplas formas apresenta inúmeros benefícios ao desenvolvimento humano, colaborando na construção de potencialidades positivas de nossa personalidade. A espiritualidade é o encontro e reconhecimento do “ser maior” em nós e nos outros, é tanto autoconhecimento quanto conhecimento do mundo que vivemos.

A dimensão espiritual do ser humano é então a intrínseca necessidade de transcendência, como a procura de si mesmo e de tudo que nos faz parte. E, mesmo que não fale sobre psicologia especificamente, essa ideia de transcendência já existe na visão espiritual de mundo, que tem como essência a consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas vivas e eventos; a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica. “Nos ensinamentos espirituais orientais, todas as coisas são encaradas como parte interdependentes e inseparáveis de todo cósmico; em outras palavras, como manifestações diversas da mesma realidade última” (CAPRA, 2011)

4 ECOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Se temos essa compreensão de que a espiritualidade existe em nós e que se manifesta através da forma que enxergamos o mundo e nos relacionamos, podemos dizer que ela está intimamente relacionada à maneira como conduzimos nossas vidas e nossas atitudes, tanto individualmente quanto em sociedade. E, quando falamos em Ecologia, podemos relacionar a maneira como nos relacionamos com o nosso entorno (o meio-ambiente), com a maneira como percebemos e nos colocamos no mundo.

A Espiritualidade é uma ferramenta para se enxergar a Ecologia do ponto de vista integral, pois assim como a Ecologia Integral, a Espiritualidade é sobre compreender que tudo está ligado – o eu, o ser humano, a sociedade, a natureza e tudo mais que compõe nosso planeta e o universo. Assim, é possível traçar as semelhanças e entender como o desenvolvimento da Espiritualidade se relaciona com a visão ecológica.

“Como seres humanos, somos seres racionais e ao mesmo tempo instintivos, somos formados por consciente e inconsciente, somos dotados de pulsões de sobrevivência e de transcendência, somos matéria física e espírito. Portanto, para conciliarmos espiritualidade, ecologia e nosso modo de viver no mundo, para pensarmos em ações de cunho integral, devemos levar em consideração todas essas esferas” (CAMARGO, 2015)

Podemos então, agora que deixamos mais clara a ideia de espiritualidade que pretendemos utilizar nesse estudo, traçar as semelhanças e entender como o desenvolvimento da Espiritualidade se relaciona com a visão ecológica, e analisar os pontos que a Ecologia e a Espiritualidade possuem em comum. Nesse desenvolvimento que se segue, usaremos, como já o estamos fazendo, muitas citações do físico teórico e escritor contemporâneo Fritjof Capra, que ficou conhecido por seus livros onde estabelece paralelos entre a ciência ocidental e o misticismo oriental. Capra iniciou seus trabalhos nessa área focando nas relações entre a espiritualidade e a física moderna. Porém, conforme foi se aprofundando no assunto, ele também começou a observar muito da semelhança entre Ecologia e Espiritualidade. Em seus livros, Capra enfatiza que a consciência ecológica é espiritual em sua essência mais profunda. Ele chega a essa conclusão com base na ideia de que, em seu nível mais profundo, a percepção ecológica é o reconhecimento da unicidade de toda a vida, da interdependência de suas múltiplas manifestações e de seus ciclos de mudança e transformação. Uma visão de mundo ecológica não só olha para alguma coisa como uma totalidade, mas também para o

modo como essa totalidade está embutida dentro de totalidades maiores e menores. Isso é uma ideia já conhecida quando se estuda sistemas vivos – organismos ou ecossistemas. Porém, essa descrição também está de acordo com a definição de consciência espiritual e de transcendência. Capra, assim como muitos outros, trabalha com a espiritualidade como o modo de consciência em que nos sentimos unidos ao cosmos como um todo. Sendo assim, a percepção ecológica e a consciência ecológica vão muito além da ciência. No nível mais profundo, elas se juntam à percepção espiritual, graças ao fato de que a percepção ecológica carrega consigo essa noção da interligação e da interdependência fundamentais de todos os fenômenos e desse estado de encaixamento no cosmos. Dessa maneira, a percepção ecológica – que nos possibilita olhar não só para um processo isolado mas sim para todos os processos envolvidos por detrás deste – é também uma percepção espiritual. Aqui, já temos o principal ponto em comum entre ecologia e espiritualidade: a ideia de unicidade da vida em nosso planeta, e a compreensão do fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (em última análise, somos dependentes desses processos).

4.1 Traçando alguns paralelos

Com essa relação entre ecologia e espiritualidade tendo sido apresentada, iremos agora ilustrar, de forma mais específica, algumas semelhanças entre os conceitos da ecologia e do modo de vida espiritual.

Quando nos relacionamos com outras pessoas, em sociedade, e com a natureza ao nosso redor, estamos sempre lidando com sistemas vivos. Portanto, nossas relações e o modo como vemos o mundo são cercados pela ecologia e pelos seus princípios. Dentro desse contexto, definiremos alguns dos conceitos de Ecologia que falam sobre os padrões e processos pelos quais a natureza sustenta a vida, e como eles se relacionam com ensinamentos espirituais. Nesse trabalho, demos atenção especial aos ensinamentos do Tao Te Ching. A definição dos conceitos ecológicos foi baseada no livro de Fritjof Capra “Alfabetização Ecológica”, de 2006.

O Tao Te Ching, obra chinesa que deu origem a filosofias e religiões como o taoísmo e o budismo, é um dos exemplos de como a busca pela espiritualidade

também trata do entendimento de como as coisas funcionam em nosso planeta – sejam elas a nível individual, coletivo ou ecológico. Isso porque o Tao

“[...] é maneira como o universo funciona, e o Tao Te Ching descreve esse funcionamento, e como se pode viver de acordo com ele. A Terra mantém um balanço de energias e processos através de ciclos de geração e regeneração para suportar a vida. O Tao é também sobre balanço e processos cíclicos. Sendo assim, um pensamento ecológico e o Tao Te Ching estão inerentemente relacionados” (PHILLIPS, 1999)

E por isso ele foi escolhido nesse momento como exemplo. Seguiremos, então, com alguns conceitos de ecologia e seus paralelos com a espiritualidade:

- a) **Redes:** As redes falam de interdependência e complexidade. Os membros de um ecossistema são interligados numa vasta rede de relacionamentos em que todos os processos de vida são interdependentes e alcançam a estabilidade através da diversidade de ligamentos. Membros de uma comunidade ecológica extraem sua própria existência a partir de suas relações. Sendo assim, a sustentabilidade não é uma propriedade individual, mas uma propriedade de toda a rede. O conceito de redes se relaciona aos ensinamentos espirituais na medida em que entende que todos estamos conectados e somos interdependentes. A mudança em um fator da rede afeta em diferentes níveis a rede como um todo. Como fazemos parte da grande Teia da vida, que inclui tudo o que existe em nosso planeta, nossos comportamentos e nossos posicionamento diante do mundo afetam tudo aquilo à que estamos relacionados, mesmo que indiretamente – e, claro, também acaba nos afetando uma hora ou outra.
- b) **Sistemas aninhados:** Em todas as escalas da natureza, encontramos os sistemas vivos “aninhados” dentro de outros sistemas vivos – redes dentro de redes. Diferentes sistemas representam diferentes níveis de complexidade. Esse conceito está ligado ao conceito de redes, mas é levado a uma dimensão acima. Análogo ao conceito de ligação com o cosmos da espiritualidade, suas ações são parte de redes microcósmicas que se refletem no macrocosmo. Sua ação pode afetar tanto uma pessoa próxima, quanto toda uma comunidade, ou até toda uma população ou ecossistema, pois você também faz parte de uma rede dentro de rede maiores, e inclusive pode ter consequências em um tempo futuro, e podem vir a ser mal-entendidas ou interpretadas se não olharmos por esse ponto de vista. Sendo assim, cada

ação tem uma reação, mesmo que essa venha de maneira ou numa hora inesperada. Esse conceito também pode ser entendido através do ensinamento espiritual de que a mudança externa do mundo é apenas uma resposta à mudança interna individual, que vai se expandindo lentamente – dando valor a nossas atitudes como indivíduo.

- c) **Interdependência:** A sustentabilidade das diferentes populações e a sustentabilidade de todo o ecossistema são interdependentes. Nenhum organismo individual pode existir isoladamente. A sustentabilidade sempre envolve a comunidade na sua totalidade. Aqui, vemos como não só nossas ações estão todas ligadas a uma rede de acontecimentos, não só a rede depende de nós, como nós também dependemos da rede. As ações dos outros que compõe a rede nos afetam da mesma maneira que nós os afetamos, sendo que nenhum é mais ou menos importante ou superior ao outro, nenhum vive sem o outro. Isso é o que chamamos de “ecocentrismo”. Tanto na ecologia quanto no Tao, tudo está intrinsicamente relacionado com todas as outras coisas. Devido a inter-relação de todas as coisas, nós não podemos manter uma visão do mundo centrada no homem. Pensando antropocentricamente nós elevamos a importância da humanidade sobre todos os outros organismos. Esse modo de pensar sustenta a noção de que nós estamos em controle da natureza e nega o valor inerente de todos os seres. Porém, se estudarmos a ecologia mais a fundo, veremos como todo organismo tem um valor intrínseco, fundamental para o equilíbrio do ecossistema. Na ecologia, tudo está envolvido em um balanço intrincado que está continuamente sendo afetado por mudanças em qualquer parte do sistema, e balanço e harmonia são virtudes muito importantes no Tao Te Ching.
- d) **Ciclos:** Por meio da teia da vida, a matéria está sempre se reciclando. O estudo da Ecologia reconhece o fato de que nas relações ecológicas, as cadeias não são lineares, mas circulares. As interações entre membros de uma comunidade ecológica envolvem a troca de recursos em ciclos contínuos, de tal forma que todo o resíduo é reciclado através da cooperação e muitas outras formas de parceria. A nível planetário, cada um dos elementos vitais para a vida também segue através de um círculo de mudanças cíclicas, e todo o ecossistema funciona de acordo com tais

mudanças que vão e voltam, como o dia e a noite, as estações do ano, as fases da lua, até uma escala maior de ciclos glaciais, etc. O conceito de ciclos se relaciona com os ensinamentos espirituais pois um dos insights mais importantes do taoísmo foi a compreensão de que a mudança é uma característica essencial da natureza. Respeitar os ciclos significa respeitar as fases naturais de um processo. Sendo assim, a natureza cíclica do universo e o movimento incessante é um dos ensinamentos passados pelo taoísmo, que diz que todos os desenvolvimentos ocorridos, seja na natureza ou nas relações humanas, como por exemplo nos nossos relacionamentos, nossos sentimentos como alegria e tristeza, nossas fases de vida, todos apresentam padrões cíclicos de ida e vinda, de expansão e contração. Compreender tais ciclos é o primeiro passo para respeitar o fato de que a natureza funciona dessa maneira, e essa é uma ideia que permeia a espiritualidade – a ida e vinda constante. Entender e respeitar os ciclos nos torna cientes de como estamos imersos na ordem dinâmica do cosmos, de que fazemos parte dele. O modo de vida que levamos hoje em dia, onde interferimos nos ciclos da natureza e não os respeitamos, exigimos que ela produza constantemente, pensando apenas em nosso favorecimento, retiramos mais do que pode nos ser fornecido e não damos nenhum retorno, essas atitudes nos afastaram dessa compreensão de ciclos, da aceitação natural das mudanças, tais como fases de abundância e escassez, de seca e de chuva, e ao interferirmos nos ciclos por não aceitarmos as “baixas” da natureza, seus períodos de recuperação, geramos muitos desequilíbrios ambientais.

- e) **Fluxos:** Todos os sistemas vivos, de organismos a ecossistemas, são abertos. O constante fluxo de energia solar mantém a vida e dirige os ciclos ecológicos, todos os organismos se alimentam em fluxos de energia e recursos. O conceito de fluxos pode ser entendido, na espiritualidade, através da ideia de que nós estamos em constante troca de energia com as coisas ao nosso redor. A noção de que o fluxo e a mudança são características básicas da natureza está na raiz do budismo. Não estamos isolados do nosso entorno, não podemos esperar que nossas atitudes não nos afetem, e que o que afeta outros seres não nos diz respeito, pois também fazemos parte do fluxo.

f) **Equilíbrio Dinâmico:** O equilíbrio dinâmico fala sobre auto-organização, flexibilidade, estabilidade e sustentabilidade. Todos os ciclos ecológicos funcionam como laços de realimentação, para que a comunidade ecológica possa estar sempre se autorregulando e auto organizando, mantendo um estado de equilíbrio dinâmico caracterizado por flutuações contínuas. Quando uma conexão de um ciclo ecológico é perturbada, todo o ciclo, em conjunto, encarrega-se de levar a situação de volta ao equilíbrio e, como as mudanças e perturbações ocorrem o tempo todo no meio-ambiente, os ciclos ecológicos estão em contínua flutuação. Na espiritualidade, entendemos a perturbação como um stress, e que isso deve ser trabalhado para voltarmos ao nosso equilíbrio. Isso requer flexibilidade e auto-organização, pois sem essas características não conseguiríamos sair da situação perturbante. O que nos falta hoje em dia é entendermos que vivemos em uma situação de perturbação constante, e necessitamos retornar ao nosso equilíbrio há muito perdido. Porém, nossa falta de flexibilidade criou uma barreira onde nos encontramos presos em nossos próprios desequilíbrios, que sustentam um modo de vida totalmente desconexo com o resto do planeta. E nosso apego a esse modo de vida é o que nos atrapalha. Como o próprio nome diz, o equilíbrio é algo dinâmico, que está sendo modificado o tempo todo, mas não funcionará se formos apegados, se tentarmos manter um modo de vida que não está dando certo. A resistência à mudança é, em si, antinatural. Compreender a necessidade das mudanças e aprender a lidar com elas é um exercício espiritual.

4.2 Exemplos na Ecologia

A seguir, falaremos sobre alguns ramos da Ecologia que já carregam em si essa ideia de conexão entre ecologia e espiritualidade.

4.2.1 Ecologia Profunda

Como foi falado na introdução, a Ecologia Profunda surgiu com o filósofo norueguês Arne Naess, em 1973, e reconhece a unidade das pessoas com a natureza, fala sobre a identificação dos seres humanos não só com seus semelhantes, mas sim com a totalidade da humanidade – animais, plantas, e outras

formas naturais. Essa linha filosófica faz uma distinção entre a "ecologia rasa" e a "ecologia profunda". A ecologia rasa, no caso, é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental ou de "uso" à natureza. "A visão de mundo superficial, que ele considera característica do ambientalismo dominante, tem suas razões para conservar a vida selvagem e a preservar da biodiversidade ligadas apenas ao bem-estar humano, e coloca a natureza não-humana principalmente para seu uso" (NELSON, 2008)

Além disso, estendemos essa visão fragmentada à nossa sociedade.

"A crença segundo a qual todos esses fragmentos — em nós mesmos, no nosso meio ambiente e na nossa sociedade — são realmente separados alienou-nos da natureza e de nossos companheiros humanos. Para recuperar nossa plena humanidade, temos de recuperar nossa experiência de conexão com toda a teia da vida. Essa reconexão, ou religação, *religio* em latim, é a própria essência do alicerçamento espiritual da Ecologia Profunda" (CAPRA, 1996).

A visão de mundo ecológica profunda, em contraste com a ecologia rasa, questiona os pressupostos fundamentais do antropocentrismo europeu e norte-americano.

Ela não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. Ela vê mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A Ecologia Profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Sendo assim, o cuidado flui naturalmente quando o "eu" é ampliado e aprofundado, de modo que a proteção da Natureza é concebida como a proteção de nós mesmos. Essa é uma filosofia que carrega um sentido muito profundo de conexão, de contexto, de relação, de pertencer. Nesse nível, a Ecologia Profunda se funde com a espiritualidade, pois essa expansão de nossa existência, essa experiência de se estar conectado com toda a natureza, de pertencer ao universo é, como dito anteriormente, a essência da espiritualidade. Capra, em seu livro "O ponto de mutação" afirma que:

"A Ecologia Profunda é apoiada pela ciência moderna, mas tem suas raízes numa percepção da realidade que transcende a estrutura científica e atinge a consciência intuitiva da unicidade de toda a vida, a interdependência de suas múltiplas manifestações e seus ciclos de mudança e transformação [...] Portanto, o

movimento da ecologia profunda não propõe uma filosofia inteiramente nova, mas está revivendo uma consciência que é parte integrante de nossa herança cultural” (CAPRA, 1982).

4.2.2 Ecologia Espiritual

Já a Ecologia Espiritual não possui um fundador em específico, porém mostra como histórica e culturalmente o ser humano criou essa ligação espiritual com a natureza, que é basicamente um posicionamento que a coloca como sagrada, e como isso se transforma em conhecimento e instinto de preservação do meio-ambiente. Ela abriga ideias e uma visão de mundo que colaboram com tal preservação.

Existem muitas organizações e instituições que seguem a linha da Ecologia Espiritual, e com base na leitura das ideias e princípios de algumas dessas organizações, encontradas facilmente a partir de pesquisa na internet, podemos resumir que a linha principal da Ecologia Espiritual é o reconhecimento da relevância das religiões e da espiritualidade em lidar construtivamente com a crise ecológica. Por isso ela tem se tornado cada vez mais popular nos dias de hoje. Seus seguidores veem a crise como muito mais do que social, econômica, política, governamental, científica ou tecnológica, mas sim como uma crise muito mais profunda culturalmente, moralmente, eticamente e espiritualmente.

Dentre as vantagens ambientais da Ecologia Espiritual está seu foco em buscar um desenvolvimento espiritual em relação a natureza, ao invés do chamado desenvolvimento econômico, que tem se mostrado uma despesa para a saúde do ecossistema, dos seres humanos e da sociedade em geral, inclusive das gerações futuras. Para a Ecologia Espiritual, a natureza não é somente um depósito de objetos para exploração por lucro ou poder. Então, esse movimento coincide com a crescente insatisfação da sociedade moderna com o desenvolvimento industrial, com o capitalismo, o materialismo e o consumismo – incluindo suas incapacidades de proverem um significado mais profundo e um propósito na vida, que muitos acabam buscando através da religião e/ou espiritualidade.

Sobre o assunto, existe um livro chamado “Spiritual Ecology: A quiet revolution”, escrito por Leslie E. Sponcel em 1943. Ele fala bem detalhadamente sobre as raízes da Ecologia Espiritual, e também dá exemplos de práticas dessa

ecologia ao redor do mundo. Por explorar o tema de maneira muito completa, consideramos adequado fazer um breve resumo do que o livro aborda.

No livro, *Ecologia Espiritual* se refere à diversa e complexa área de conhecimentos e práticas como uma interface entre religião e espiritualidade de um lado, e do outro, ecologia, meio-ambiente e ambientalismo. Um aspecto importante citado no livro sobre a revolução da *Ecologia Espiritual* é exatamente sua convergência entre religião e ciência. O autor diz que sentimentos de pertencimento a natureza, apreciação espiritual das belezas naturais e respeito pelo meio-ambiente são partes de um repertório humano emocional. Essa capacidade emocional sugere que, quando combinada com um entendimento claro da interdependência baseada na natureza e focando na espiritualidade, pode nos ajudar a conduzir nossas ações nesse planeta. Ele cita Aldo Leopold, que em 1940 escreveu: “Nenhuma mudança importante em ética foi cumprida sem nenhuma mudança interna em nossa ênfase intelectual, lealdades, afeições e convicções. A prova de que a conservação ainda não alcançou esses fundamentos de condução baseia-se no fato de que a filosofia e a religião ainda não ouviram falar disso”. E agora, podemos ver como a espiritualidade, assim como a filosofia e a ciência, estão dando mais importância a essa dimensão interna em busca da proteção à natureza.

Defensores da *Ecologia Espiritual* consideram a crise ambiental como um resultado da separação e desconhecimento humano da natureza combinada com desencantamento, objetificação, e mercantilização da mesma. Muitas pessoas de diversas esferas da sociedade estão convencidas de que a crise ambiental só será resolvida, ou pelo menos reduzida, se existir uma mudança de pensamento, uma revisão do local dos humanos na natureza. A *Ecologia Espiritual* traz justamente uma abordagem que permite gerar uma transformação fundamental em como os seres humanos se relacionam com a natureza, tanto individualmente como coletivamente.

No livro acima citado é feito um histórico da *Ecologia Espiritual*, o autor entende como tendo começado com o Animismo, primeira religião conhecida, datando da era pré-histórica. Depois dela, várias outras surgiram nessa mesma linha, baseadas no reconhecimento da sacralidade da natureza e de seus ensinamentos. Em geral, os animistas acreditavam que os poderes espirituais permeiam e dão vida a natureza, habitando animais, plantas, pedras e outros objetos no ambiente. Nesse processo, o animismo desafia dualidades conceituais

pregadas nos dias de hoje, como objetivo/subjetivo, pessoa/objeto, inanimado/animado, animal/humano, natureza/cultura, natural/sobrenatural, corpo/mente. As inter-relações e interdependências dentro dos sistemas ambientais são princípios elementares do Animismo, assim como para a Ecologia.

Um exemplo de como se dá a compreensão da Ecologia através do Animismo pode ser dado através de comunidades indígenas tradicionais. Como Animistas, existe uma tendência dessas comunidades em evitar ou proibir matar certos animais. Mesmo que sem saber, eles fazem isso reconhecendo o papel ecológico dessas espécies chave como carnívoros de topo, por exemplo, cruciais na regulação da população de presas. Locais específicos na floresta que possuem uma grande importância ecológica podem ser considerados sagrados, criando assim santuários. Aparentemente o Animismo pode ser uma manifestação da natureza humana, e sua relevância ecológica e ambiental é bem óbvia. Para os Animistas, que o autor chama de “verdadeiros ecólogos espirituais”, a natureza é claramente bem mais do que um mero recurso ou comodidade.

Em seguida, ele faz uma reflexão interessante sobre a importância de se olhar com esse “encantamento” para a natureza. Quando conferimos esse atributo de sacralidade à ela, entendemos a importância de cada ser individualmente. E o reflexo disso na conservação dos ecossistemas pode ser maior do que pode parecer à primeira vista. Isso porque se uma única árvore, por exemplo, é vista como parte de uma hierarquia de sistemas ecológicos progressivamente maiores, então ela pode ser essencial para a conservação do meio-ambiente e da biodiversidade. Biodiversidade abrange não somente o número de espécies numa dada área, mas também a diversidade de suas interconexões e interações. Uma árvore de grande porte pode abrigar uma multiplicidade de outras espécies vegetais. Também podem existir de dezenas a centenas de espécies de animais residentes e transientes numa única árvore. Pode ainda abrigar milhões de microrganismos. Interagindo com essas espécies estão outras funções ecológicas como mutualismo, parasitismo, predadorismo, e outros tipos de simbiose. O fato de que a maioria das espécies associadas de alguma maneira com uma única árvore são espécies pequenas pode aparentemente diminuir seu valor perante a conservação da biodiversidade, no entanto, são os menores organismos que encabeçam os processos ecossistêmicos como fluxo de energia e ciclagem de nutrientes. Em resumo, árvores são um componente muito importante da composição, estrutura, função e dinâmica de

muitos ecossistemas. Se existisse uma maior apreciação dos numerosos e diversos significados das árvores, então muitas pessoas talvez pudessem apreciar ainda mais a natureza, e conseqüentemente se preocuparem mais com seu uso sustentável, manejo e conservação.

Com base nisto, a compreensão de nossa conexão com a “teia da vida”, como diz Fritjof Capra, que pode se revelar pela religiosidade e crenças, ou pelo respeito e valorização de todos os seres e processos naturais pelos quais a natureza se expressa, é o princípio básico para seu conhecimento e sua não-objetificação e conservação. Por estarmos fundamentalmente conectados com tudo ao nosso redor, podemos então tanto despertarmos nossa espiritualidade através do conhecimento dos conceitos e processos ecológicos, como também podemos, através da espiritualidade, compreender tais conceitos e processos da mesma maneira. São apenas dois lados de uma mesma moeda.

5 A ESPIRITUALIDADE E A CRISE AMBIENTAL CONTEMPORÂNEA

Quando falamos de Ecologia Integral, e mais especificamente quando buscamos a relação entre Espiritualidade e Ecologia, fazemos isso em busca de uma aplicação mais prática dos conhecimentos de Ecologia, especialmente no que diz respeito ao cuidado com a nossa casa. Dessa maneira, buscaremos agora discorrer sobre qual pode ser o papel da Espiritualidade na crise ambiental que estamos vivenciando atualmente.

A crise ambiental, fruto da exploração excessiva dos recursos naturais e da contaminação de praticamente todos os ambientes da Terra com base na geração de subprodutos da sociedade, que coloca em risco a vida de todas as espécies que habitam nosso planeta, sejam elas vegetais ou animais, assim como nossas águas e solos, vai bem além dos aspectos físicos, biológicos e químicos. A crise ambiental é bem mais que isso: é uma crise da civilização contemporânea; é uma crise de valores, que é cultural e espiritual. (JUNIOR, 2004)

Mas como lidar com essa crise? Há muito tempo que temas como aquecimento global e falta d’água vêm sendo discutidos e estudados. Todos indicam para um futuro cada vez mais inóspito para praticamente todas formas de vida que habitam o planeta atualmente, porém nada parece desacelerar o ritmo de nossa cultura industrial que tem levado à tal crise. Isso exigiria muito mais do que uma simples

mudança de hábitos. Antes de mais nada, não podemos mais analisá-la individualmente, e sim buscar compreender como esse determinado problema está imerso em problemas maiores. Roszak (1992) propôs que seria necessário um novo modo de consciência para mudarmos nossos hábitos que prejudicam o equilíbrio de nosso planeta. Aprender que devemos separar o lixo, ou apagar a luz quando não estivermos usando, economizar água, saber que desmatar é ilegal, entre outros, têm se mostrado insuficiente. Estes seriam apenas novos condicionamentos executados sem o necessário grau de consciência que possa levar a uma transformação de nossas atitudes. Antes de mais nada, junto com a crise ambiental devemos ver todas as outras crises: a crise social, a crise econômica, e até as crises pessoais e de saúde. Como dito anteriormente, podemos dizer que as crises são todas, em última análise, uma crise de percepção.

Elas surgem por não conseguirmos enxergar nossa vida e nossos atos conectados com o ambiente em que vivemos, como respostas ao nosso modo de vida desequilibrado. Outra maneira de olharmos para essa situação é entender que estamos vivendo uma crise de consciência. Nossa consciência nos dias de hoje é limitada e cercada por uma cultura que divide sujeito e objeto, que se baseia no antropocentrismo, que coloca o homem como centro do Universo e superior a natureza. A consciência ecológica ou ecocêntrica, por outro lado, nos vê como parte e também nos responsabiliza pela manutenção do equilíbrio – frágil - de nossos ecossistemas e nosso planeta como um todo.

5.1 Consciência e Espiritualidade

Essa uma consciência que vai além do individual relaciona-se à Espiritualidade na medida que se baseia no conceito de unicidade, de respeito à natureza, pertencimento a teia da vida, de valorização de todas as formas de vida do planeta. Então, enquanto falamos sobre consciência, temos que manter em mente o conceito de Espiritualidade que abordamos anteriormente, juntamente com o conceito de transpessoalidade e transcendência.

Esse tipo de consciência que compreende o cosmos como uma unidade viva é denominada Consciência Cósmica (WEIL, 1972 apud ARRUDA, 2016). Suas principais características são: percepção do cosmo como unidade viva, da qual o indivíduo se sente parte integrante; desaparecimento do sentimento de dualidade; as

dimensões de espaço e tempo são transcendidas; sentido de sagrado; mudanças radicais no sistema de valores seguido anteriormente, entre outros.

Quando falamos em consciência ecológica integral, estamos falando também de consciência cósmica, pois sentir-se como parte integrante de nosso planeta é o primeiro passo para repensar nossas atitudes diante dele. E o termo remete exatamente ao fato de que tais atitudes não devem ser apenas pontuais, e sim se revelarem em cada ato do nosso dia-a-dia, nas nossas relações com nosso ambiente, com as outras pessoas, com nossa cidade, na maneira como fazemos o uso das coisas, na maneira que descartamos, na maneira que pensamos. Quando falamos em transcender as dimensões de espaço e tempo, estamos falando em pensar nossas atitudes além de nossa casa, de nossa cidade, além de nosso presente, e sim pensando no planeta como um todo, e no seu futuro.

5.2 Ecologia Transpessoal

O campo da ecologia que incorpora a consciência e busca ir além da compreensão de homem como um ser individual é o da Ecologia Transpessoal. A Ecologia Transpessoal surgiu com Warwick Fox em 1990 e aborda as repercussões ecológicas das experiências de expansão de consciência e suas aplicações. Uma experiência transpessoal aplicada a Ecologia leva o significado de transcendência à relação entre homem e natureza – a experiência de sentirmos a unicidade da vida, a dissolução do dualismo sujeito/objeto, relaciona-se com a identificação do homem com a natureza, incorporando o planeta como parte de nós.

“A Ecologia Transpessoal vincula a ecologia com o campo da psicologia transpessoal e conecta esses dois campos. Ela estuda a maneira como experiências transpessoais na natureza expandem a consciência humana e ajudam a tecer uma conexão sagrada com o mundo através do processo de identificação com a natureza, examinando como a espiritualidade se relaciona com a crise ecológica global” (RIBEIRO, 2010).

O termo “transpessoal” implica a ideia de transcender a identidade pessoal e individual. Se ao invés de vermos a natureza separadamente da humanidade, nós passássemos a entender que humanidade e natureza são uma coisa só, teríamos mais chance de proteger e conservar esse “eu expandido”. Essa expansão da consciência individual para uma consciência que abriga todo nosso entorno, é o que

chamamos aqui de consciência ecológica integral. A espiritualidade entra nisso pois é ela que nos traz esse sentimento de que todas as coisas estão conectadas.

5.3 Ecopsicologia

O resgate de nossa consciência ecológica é trabalhado pela Ecopsicologia. A Ecopsicologia estuda as relações do ser humano com o planeta e com os ecossistemas. Essa área da psicologia busca uma reflexão profunda sobre as distorções existentes na relação do homem com a natureza. Roszak, criador da Ecopsicologia (1970), descreve a busca espiritual e a experiência da unidade como o meio pelo qual os indivíduos que vivem em nossa cultura capitalista industrial podem superar essa visão de mundo antropocêntrica, urbana, científica e dualista. (ROSZAK, 1972 apud SNELL et al., 2011)

Nesse sentido, para quebrar essa visão predominante na sociedade moderna e reconectar-se a teia da vida, é necessário desenvolver a atenção e o respeito por tudo que vive, incluindo a natureza em sua totalidade (SABER, 2011). A ausência da percepção ecológica seria mera consequência da percepção de que o mundo é fragmentado e fundamentado na competição entre as partes. Na medida em que as conexões psíquicas entre ser humano e a natureza forem reconhecidas como dimensão fundamental para nossa saúde pessoal e ambiental, surgirão novas formas de organização da vida social e econômica (CARVALHO, 2013).

Portanto, podemos dizer que o papel da espiritualidade na crise ambiental é que ela nos traz essa consciência que aqui chamamos de ecológica, pois é uma consciência que nos permite enxergar nossa influência e nossa dependência para com o mundo natural. Nossa crise ambiental resulta de um modo de vida desconectado dos processos ecológicos de nosso planeta. Quando mudarmos nossa consciência individual para uma que se estende para todas as formas de vida a partir do desenvolvimento da espiritualidade, podemos encontrar um caminho no combate a essa crise.

A exploração da ecopsicologia por Roszak sugere que a experiência espiritual pode atuar para transformar nossas atitudes em relação ao ambiente natural. Em particular, ele se baseia em uma experiência animista da natureza. Em sua exploração da ecopsicologia, Roszak chega a conclusão que enfatiza o valor da experiência animista, onde o mundo natural é experimentado como um lugar

sagrado, para mudar os hábitos destrutivos de nossa cultura urbano-industrial (ROSZAK, 1995).

A experiência espiritual é discutida como uma parte de um processo maior de entendimento que pode ajudar a transformar as atitudes que tem causado a crise ambiental, assim como todas as outras crises. Portanto, além do despertar para a Espiritualidade, essa consciência que percebe o cosmo como unidade viva também nos traz valores ecológicos. Se despertamos para uma consciência cósmica, despertamos também para uma consciência ambiental, pois a pessoa, ao se sentir conectada com o planeta e com o universo, também se percebe profundamente conectada com a natureza. “Este ser que se percebe inteiro também percebe o mundo de uma maneira completamente diferente e, sendo assim, assume novos valores e responsabilidades frente a sua própria existência, à sociedade onde vive, ao planeta e ao Cosmos.” (REICHOW, 2006).

A consciência ecológica necessariamente deve integrar indivíduo, sociedade e natureza. Sua influência aponta para a possibilidade de uma sociedade ecocêntrica, ao invés de antropocêntrica, pois ela se expressa para com o mundo natural com uma ética normalmente reservada às pessoas. O senso de pertencimento à natureza, numa sociedade ecocêntrica, seria facilmente percebido nas relações com o meio natural e todas as formas de vida. Se a consciência é expandida de forma a incluir o mundo natural, o comportamento destrutivo desse mundo será experienciado como autodestruição. Isso pode ser expandido para nossas relações sociais e econômicas, pois se nossas atitudes buscam o equilíbrio com nosso ambiente, nossa sociedade e nossa economia também buscarão funcionar em equilíbrio com ele.

Devemos entender que a crise ambiental não é um processo natural, ela não nasceu sozinha. Ela é fruto de uma sociedade que coloca como valores principais a aquisição de bens materiais, o status, o conforto imediato independente das consequências – de quem ou o que está sendo prejudicado com isso.

Quando agimos com compreensão e respeito aos ciclos da natureza, quando nossa consciência se vê unida ao meio-ambiente, conseqüentemente não poluímos nossos ambientes, não desmatamos as florestas, respeitamos as outras formas de vida, não retiramos mais do que necessitamos, pois sabemos como isso pode nos afetar. A necessidade da criação de Unidades de Conservação que proíbem a entrada de pessoas ou retiram pessoas que moram naquele local, nada mais é do

que resultado dessa visão de que nós somos seres fundamentalmente a parte do ambiente natural. Sob essa perspectiva, nós somos apenas perturbadores do meio e não conseguimos viver harmoniosamente com o mesmo. Criamos em nossa sociedade a crença de que quanto mais afastada dos seres humanos, mais em equilíbrio e preservada a natureza vai estar. Embora isso possa estar acontecendo atualmente, essa ideia não é uma verdade absoluta, e só nos afasta cada vez mais de nossa natureza – tanto externa quanto interna. Isso se mostra negativo a partir do momento em que percebemos que o sentimento que acompanha a consciência da realidade interconectada e interdependente é o de *pertencimento*. Podemos sim viver em harmonia com o nosso planeta, com o meio-ambiente natural. Do sentimento de pertencimento, da visão que surge do reconhecimento da teia da vida, é que virá um conjunto de visões e atitudes inovadoras que podem ser a resposta para a problemática ambiental. Logo, o papel da espiritualidade na crise ambiental é despertar-nos para essa consciência ecológica, ao trazer consigo ensinamentos e compreensões a respeito da Ecologia.

6 ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO

Mas nenhuma mudança ambiental será realmente concretizada se não mudarmos a maneira como enxergamos e nos relacionamos com o meio em que vivemos. Para isso, precisamos trabalhar a raiz do problema. Não podemos esperar que nossas atitudes mudem de uma hora pra outra, mesmo porque todo nosso modo de vida atual se apóia em comportamentos que não são condizentes à preservação do meio-ambiente.

Tendo em vista que, se buscamos uma solução para a crise ambiental, necessitamos desenvolver nossa consciência ecológica, devemos ir em busca de maneiras para que isso seja feito. Quando falamos do despertar de uma consciência integral voltada para valores ecológicos, temos que entender que a reestruturação de nossos valores só acontecerá a partir de uma profunda transformação em nossa sociedade. Como já dito anteriormente, não é possível separar a ecologia da sociedade, pois não é possível isolar os processos humanos dos sistemas ambientais em que eles acontecem. Sendo assim, devemos sempre lembrar que as preocupações com ecologia e meio-ambiente são problemas sociais, e devem ser tratados como tal. E uma mudança de tal dimensão deve ter como base nosso

sistema educacional, pois é a partir da educação, seja ela formal ou informal, que construímos nossos valores, e nossa sociedade nada mais é do que o reflexo de nossas crenças, culturas e valores. Quando se fala sobre o papel desempenhado pela educação no que diz respeito a problemática ambiental, estamos nos baseando na ideia de que a maneira como nos relacionamos com o meio-ambiente precisa ser alterada a partir de uma mudança cultural, através de uma nova cultura que nos permitirá optar por outras formas de desenvolvimento mais sustentáveis. Conseqüentemente, a educação é de grande importância como agente difusora dos conhecimentos sobre o meio-ambiente e da conversão de hábitos e comportamentos considerados insustentáveis em hábitos e comportamentos compatíveis com a preservação ambiental.

SALDANHA (2006) postula que “A educação tem sido considerada um aspecto essencial do desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Educação e sociedade são elementos quase que indissociáveis, de influência mútua e construção recíproca”. Devemos lembrar também que a educação não pode ser considerada só um processo de aprendizagem, mas de desenvolvimento da capacidade de cada um de ver, ouvir e se expressar dentro da sociedade e diante do que está acontecendo ao seu redor.

O termo educar vem do latim *educere*, composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar” – ou seja, educação significa literalmente “conduzir para fora”. Sendo assim, a educação pode ser interpretada como a exteriorização de algo que já se tem dentro. Dessa maneira, uma educação ambiental deve ser feita despertando o sentimento que já existe dentro de nós de cuidado com nosso lar, relacionado à nossa personalidade transcendental, e assim adentrar-se em todos os aspectos da vida em sociedade. Os princípios e valores ambientais devem ser repassados aos educandos através do despertar de uma visão inter-relacionada de todas as coisas, para que a educação – mais especificamente a ambiental – possa trazer novas construções de mundo. Se trabalhássemos melhor desde o começo de nossas vidas o sentimento de pertencimento e conexão com o todo nas crianças, elas exteriorizariam esse sentimento no cuidado com tudo que as cerca. Quando falamos em educar ambientalmente, se essa “educação” é uma coisa que parte de fora pra dentro, isso impede modos de vida verdadeiramente ecológicos, pois não desenvolvemos plenamente a ideia de que todos os nossos atos e hábitos cotidianos podem afetar o

meio-ambiente, e sim apenas repassamos algumas ideias sobre como “impactar menos”, o que tem gerado algo como um alívio em nossa consciência, mas que pode não ser tão efetivo quando precisamos refletir e extrapolar essas ideias para cada atitude nossa no nosso dia-a-dia – separamos o lixo reciclável, mas não mudamos nossos hábitos de consumo, criamos Unidades de Conservação, mas não enxergamos nossa própria cidade como também sendo parte do meio-ambiente que precisa ser preservado e cuidado. Tendo em mente que já temos esse impulso de transcendência dentro de nós, não é tão difícil quanto possa parecer despertá-lo, principalmente em crianças.

6.1 Educação e Espiritualidade

“Conceber o vínculo entre educação e espiritualidade implica levar em consideração à integralidade do ser humano [...] A educação compreendida como processo de formação humana propõe em seu fundamento o desenvolvimento de duas vias necessárias ao homem, a de fora para dentro e a de dentro para fora” (RÖHR, 2010).

Sendo assim, a espiritualidade pode auxiliar nessa mudança, pois traz consigo valores que falam exatamente sobre essa nossa relação com o mundo. Ao inserirmos esse conceito de que estamos todos conectados logo nos primeiros anos de vida de uma criança e ao longo de seu desenvolvimento, é mais provável que essa consciência se torne parte desse ser, e que isso guie seus pensamentos e ações no presente e no futuro, individualmente, em sociedade, e perante ao nosso planeta. Segundo Rohr, se admitirmos que a espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano, não podemos desenvolvê-la de forma isolada. Portanto, “conceber o vínculo entre educação e espiritualidade significa levar em consideração à integralidade do ser humano” (ROHR, 2007).

De modo geral, a educação que inclui a dimensão espiritual ajuda a enxergar os conhecimentos que antes pareciam não ter nenhuma conexão de maneira integrada, passando a serem vistos como interconectados na mesma realidade. Portanto, os benefícios de trabalhar a dimensão espiritual dentro da educação é algo muito positivo dado seu aspecto de identificação de si mesmo com o todo.

6.1.1 Inteligência Espiritual

Existem alguns estudos que falam sobre essa nossa dimensão espiritual como atributo inato ao ser humano, e que pode ser desenvolvido assim como a Inteligência Racional e a Emocional. A ideia da existência de uma Inteligência Espiritual surgiu em 1997 com Danah Zohar em seu livro “Rewiring the Corporate Brain”. Ela é um dos três níveis do “self” do homem: mental, emocional e espiritual. A Inteligência Espiritual diz respeito a vida interior, do espírito, e a sua relação com o mundo. Sendo assim, ela conecta o pessoal ao interpessoal e ao transpessoal. Além da autoconsciência, ela desperta a consciência de nossa relação com o transcendente, um com o outro, com a Terra e com todos os seres (VAUGHAN, 2002).

“A Inteligência Racional é regida por pensamentos racionais, lógicos, analíticos e não consegue, isoladamente, compreender a complexidade do Universo, nem imprimir às ações humanas um sentido, pois está preocupada com o conhecimento acerca de algum fenômeno, do que é composto, de sua significação externa. A Inteligência Emocional é aquela que leva as pessoas a terem comportamentos emocionalmente dirigidos, que gera empatia, que as coloca em estado de prontidão diante de situações emergenciais e possui uma correção inconsciente entre as emoções e seus correlatos cognitivos. Este tipo de inteligência está voltado para o mundo interior, para os aspectos pessoais e sociais, aqueles que possuem um registro cultural, ético e educacional. Assim, torna-se necessária a construção de uma verdade que contemple os dois universos: o interno e o externo, para que se possa ter a compreensão da vida, dos outros, do planeta, do misterioso e complexo Universo.” (BACELAR, 2009).

Logo, a Inteligência Espiritual é a que nos traz essa capacidade de integrar as outras inteligências, o interno e o externo, e de contextualizar as ações humanas, possibilitando uma compreensão mais ampla de diversas situações.

Para GARNER (1995 apud BACELAR, 2009), “A inteligência é um potencial biológico para analisar e tomar certas decisões, e este potencial pode ser ativado ou não, dependendo da cultura onde se vive e do sistema de valores que se tem”. Sendo a Espiritualidade a consciência humana de conexão com a natureza e o cosmos, na medida em que o indivíduo desenvolve a Inteligência Espiritual ele tem a possibilidade de que suas decisões e ações sejam resultantes da integração do mundo interior com o exterior. Sendo ela um potencial biológico, bastaria apenas ativá-la para que tais possibilidades pudessem se tornar reais, e se a Educação tem o poder de ativar a Inteligência Racional e a Emocional, ela também tem o poder de ativar a Inteligência Espiritual.

A Inteligência Espiritual é aquela com a qual podemos por nossos atos e nossas vidas em um contexto mais amplo. Este tipo de inteligência propicia ao ser humano um envolvimento maior com os outros e com o planeta, pois é justamente através dessa percepção de contextos maiores de nossa vida que nasce o sentimento de estarmos inseridos no “todo”. Dessa maneira, acredita-se que a Inteligência Espiritual pode ser um meio de despertar a consciência ecológica e trazer o desenvolvimento sustentável, pois contribui para uma compreensão integrada do universo, unindo mente, cultura e natureza, e quando o ser se conscientiza da existência desse processo unitivo de nossa existência, torna-se capaz de integrar tais dimensões (subjetiva, objetiva e cultural) no seu dia-a-dia e no seu modo de viver.

6.1.2 Educação Integral

Considerando Inteligência Espiritual como aquela com a qual os seres humanos lidam com questões de valor e ampliam o contexto de suas existências, a educação espiritualmente direcionada tem o potencial de promover a consciência ecológica, tomando como elementos fundamentais para esse processo os aspectos sociais, culturais e éticos da sociedade. É relevante incluir a dimensão espiritual em nossas vidas pois ela facilita uma compreensão sistêmica e integrativa das outras dimensões (social, ambiental, biológica), abrindo espaço para o desenvolvimento de um relacionamento mais sustentável com a natureza.

Então, a Inteligência Espiritual pode ser desenvolvida por uma variedade de práticas, dentre elas a Educação Integral. A Educação Integral fala sobre educar levando em consideração todos os aspectos do ser – o individual, o coletivo, o interior e o exterior. Sendo assim, como o próprio nome já diz, Educação Integral tem como objetivo a formação do ser humano em sua integralidade, desenvolvendo todos os fatores associados a individualidade interior de cada pessoa – corpo, mente e espírito - e expandido isso para o exterior, para o nosso ambiente, integrando toda a nossa realidade, todos os nossos conhecimentos. Essa sensação de integridade se perdeu em nossa cultura contemporânea: temos uma educação fragmentada, que leva a uma fragmentação do sujeito e da realidade.

A visão integral do ser humano e da realidade surgiu com a Teoria Integral de Ken Wilber. Conforme Wilber (2011) a Teoria Integral é uma ferramenta de

integração mental por possibilitar, incluir e integrar todas as formas de conhecimento. A Educação Integral, ao incluir a dimensão espiritual, é uma ótima ferramenta de crescimento educacional, pois ela inclui, integra e amplia os outros conhecimentos já existentes. Portanto, essa abordagem faz com que conhecimentos que antes pareciam não ter nenhuma conexão passem a ter sentido, pois eles estão interconectados a uma mesma realidade, formando um todo integral. Isso gera uma ampliação de nossa consciência, do individual para o coletivo, da separação para o pertencimento.

Considerando que a principal dificuldade em relação a como proceder diante da crise ambiental, social, da educação, da saúde e econômica é a falta de entendimento mútuo entre eles, é preciso chegar num acordo a respeito dos problemas que são comuns a todos. A visão dualista do mundo não tem ajudado em nada a interpretarmos a realidade e seus problemas, pois ela nos induz a ver tal realidade de maneira fragmentada e reduzida. Nesse sentido, em meio a tanta informação, a visão integral tem servido para integrar conhecimentos e acontecimentos que a princípio podem parecer não ter relação, ao identificar alguns padrões fundamentais que conectam todos eles.

Portanto, uma pessoa que é educada para olhar tanto para si própria como para o mundo de maneira integral, pode ver o desdobramento da realidade de várias formas. Ela pode ter um olhar subjetivo sobre um fenômeno, como também pode ter uma visão objetiva. Com isso, ela passa a ter uma percepção de totalidade, e a integrar os vários fragmentos da realidade, os vários conhecimentos, e interpreta-la de maneira mais completa, o que a possibilita uma maior resolução/prevenção de problemas, pois ela passa a ter consciência do todo e de que faz parte dele, e que todos nós estamos interconectados dentro dessa realidade que é a vida. Isso é relevante para a consciência ecológica e para a conservação do meio-ambiente pois ajuda a enxergar nossos atos, por menores que sejam, como criadores e participantes na construção de nossa realidade. Ambientalmente falando, isso significa que atitudes como poluição, desmatamento, contaminação da água, e também a maneira como nos comportamos em sociedade – a exploração da natureza, o crescimento industrial, o consumismo, a má gestão de nossos ambientes – tudo isso está relacionado ao nosso modo de viver, e tudo isso nos afeta direta ou indiretamente. Com isso, as relações que antes pareciam sem sentido passam a dialogar, pois passamos a agregar os mais variados conhecimentos.

Portanto, uma criança que recebe uma Educação Integral, que abarca dentro dela todas as realidades existentes, tem a possibilidade de desenvolver sua espiritualidade, sua Inteligência Espiritual. Isso permite enxergar de maneira mais clara a conexão entre todas as coisas, entre o micro e o macrocosmo, entre suas atitudes e comportamentos e como isso afeta o próximo, a sociedade e o meio-ambiente. Logo, se consegue ver também como os problemas de hoje em dia não podem ser solucionados separadamente, mas somente em conjunto, se mudarmos a maneira como nos relacionamos dentro e com a nossa casa.

6.2 Ecologia Profunda e Educação

Como vimos, a educação é o ponto de partida para o desenvolvimento de nossa consciência integral e ecológica, pois é por meio dela que desenvolvemos nossa maneira de pensar, de se comunicar, de atuar e de se relacionar com o mundo. Unido a isso, o desenvolvimento da espiritualidade dentro da educação tem muito a agregar no despertar dessa consciência, pois o aspecto espiritual, assim como a educação, serve como uma base para mudanças em todos os âmbitos de atuação humana, desde os aspectos psicológicos e sociais, até os econômicos e a nossa relação com o meio-ambiente. (SORIA, 2012).

Como dito anteriormente nesse trabalho, a Ecologia Profunda fala sobre a interdependência de todos os fenômenos: ela vê o universo como uma rede de acontecimentos que estão essencialmente interconectados e são interdependentes, colocando os seres humanos como apenas mais um fio na grande teia da vida (CAPRA, 1996). Desse jeito, a Ecologia Profunda concebe a crise ambiental como uma crise de valores, uma consequência da ruptura na relação humana com a Natureza. Trata-se de uma crise na sociedade contemporânea, que é tanto cultural quanto espiritual (LOVATTO et al, 2011). E quando falamos que essa é uma crise espiritual, é devido ao fato de que não estamos acostumados a ver as coisas conectadas. Muito pelo contrário, o paradigma cartesiano que domina nossa forma de viver atualmente nos traz uma visão fragmentada dos fenômenos. Dessa maneira, a capacidade de alcançar a visão do todo é o desafio para o nascimento de uma nova percepção, mais ecológica. Mas essa percepção, tanto espiritual quanto ambiental, precisa ser estimulada, e para que a mente humana possa criar esse entendimento de conexão, de todo, sobre si e sobre o espaço que ela ocupa, é

necessário que se trabalhe a nossa consciência. Portanto, é por isso que uma educação que busca a conscientização ambiental deve ir além daquilo que pode ser visto e mensurado. A informação de que algo é errado, por si só, não é capaz de persuadir as pessoas a agir ou mesmo mudar. Temos que sentir isso dentro de nós. A motivação só surge quando experimentamos um determinado problema através de perspectivas subjetivas e intersubjetivas. Porém, o papel desempenhado por essas perspectivas internas na solução de problemas ambientais raramente é abordado em nossa educação, em trabalhos acadêmicos ou por órgãos ambientais.

Logo, a conscientização ecológica – que tem como base a didática Integral – deve ser trabalhada a partir de processos que despertem essa subjetividade ecológica a partir da aproximação do homem com a natureza, visando uma relação mais profunda com o meio natural e a internalização de seus processos através da observação, buscando despertar a percepção da unidade de tudo que existe através da similaridade entre os processos naturais e tudo que compõe a existência humana. (ALFASSA, 77 apud SORIA, 2012)

Nesse contexto, a espiritualidade assume um importante papel para a compreensão e para a realização da Educação Ambiental, pois nos conduz a uma consciência ecológica que faz com que os seres humanos percebam-se como parte de um todo. A dimensão espiritual na educação trabalha uma visão de mundo holística, que percebe seu entorno de forma integrada, e não como uma coleção de partes individuais e hierarquizadas. Assim, sua prática e seus conceitos compreendem não só os problemas ambientais como também os problemas sociais que podem estar influenciando neles.

Portanto, a maior conexão entre Ecologia Profunda, a Educação Integral e a consciência ecológica pode ser considerada como sendo a própria Espiritualidade, que diz respeito a essa ideia de pertencimento e inter-relação de toda a realidade natural. Magalhães (2006 APUD SORIA, 2012) aponta os desafios dessa mudança de paradigma, que é uma mudança de pensamentos e valores, sendo eles:

a) preparar a mente humana para uma visão abrangente e não-linear da realidade;

b) criar condições para uma observação profunda e multidimensional das interações entre os sistemas vivos, o meio e os sistemas sociais, e assim abrir caminho para o pensamento sistêmico;

c) privilegiar atitudes e procedimentos que estimulem o potencial de sensibilidade e o sentido da unidade presentes na alma humana, inspiradores não só de atitudes de inclusividade, mas também de vivências de respeito, afetividade, cuidado, cooperação e coevolução na diversidade;

d) reconhecer no sentido de Pertencer o elemento regulador das múltiplas relações do ser humano com tudo que o cerca;

e) buscar uma nova compreensão do mundo capaz de equilibrar as tendências de autoafirmação e integração, expansão e conservação, competição e cooperação, dominação e associação presentes nos diversos sistemas naturais e sociais.

6.3 Alfabetização Ecológica: um exemplo prático

Tais desafios para uma quebra nesse paradigma regente em nossa cultura, que entende o mundo fragmentado e linear, já estão sendo trabalhados através da Alfabetização Ecológica. A conservação da natureza e da nossa própria espécie, de acordo com Capra, depende de nossa habilidade de extrair conhecimento da natureza, entender os princípios básicos da Ecologia e de viver de acordo com eles (DUAILIBI, s.d.). O conceito de 'Alfabetização Ecológica' foi criado por Fritjof Capra e outros líderes do Centro de Eco-Alfabetização, em Berkeley na Califórnia. A Alfabetização Ecológica busca ensinar as crianças a enxergarem os princípios ecológicos em todos os tipos de relação, pois acredita que tais princípios atuam da mesma maneira sob os diferentes sistemas, em micro ou macroescala – individual, familiar, cultural, social, político, econômico e ecológico. Para se educar para uma vida “ecologicamente correta” é preciso promover o entendimento de como os ecossistemas sustentam a vida e trazer esse conhecimento para nossas relações, contemplando as especificidades da sociedade humana, como relações de produção e de consumo, que são as que mais determinam a maneira como nos relacionamos com a natureza. Se a sustentabilidade fosse somente baseada na compreensão dos princípios de Ecologia, bastaria apenas que todos aprendessem esses princípios. Porém, para levarmos uma vida sustentável, não precisamos necessariamente saber os conceitos de Ecologia, e sim aprender a compreender o mundo de forma ecológica, sistêmica, que é a forma como a Natureza se expressa.

De acordo com Capra, nossa maneira de raciocinar, originada pela nossa cultura científica, se baseia no pensamento linear, em cadeias de causa e efeito, e isso dificulta esse raciocínio sistêmico, porque os sistemas vivos são não-lineares, eles formam redes. “No pensamento linear, quando algo funciona, conseguir mais disso é sempre melhor. Por exemplo, uma economia “saudável” vai exibir um crescimento econômico forte e infinito. Entretanto, os sistemas vivos bem-sucedidos são altamente não-lineares. Quando algo é bom, uma quantidade maior desse algo não será necessariamente melhor. A questão não é ser eficiente, mas ser sustentável” (CAPRA, 2006). Uma vez que os sistemas vivos são não-lineares, para vivermos de acordo com os princípios da Ecologia é preciso ver o mundo e pensar em termos de relações e conexões, valorizar mais o conhecimento contextual do que o objetivo, mudar nossa visão das partes para o todo (os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às suas partes menores); dos objetos para as relações (na visão sistêmica, os “objetos” de estudo não são espécies isoladas, e sim as redes de relações).

Em seu livro sobre Alfabetização Ecológica, Capra diz que:

“A estrutura conceitual mais apropriada para se entender a ecologia hoje é a teoria dos sistemas vivos. Todo organismo vivo - plantas, bactérias, animais – incluindo os seres humanos, são sistemas vivos. E as comunidades de organismos, que incluem tanto ecossistemas e os sistemas sociais humanos como a família, a escola e outras comunidades humanas, são também sistemas vivos” (CAPRA, 2006).

E nós podemos aprender Ecologia através da observação dos sistemas vivos. Na Alfabetização Ecológica, uma horta, por exemplo, não é só um local onde se produzem os alimentos, mas também um local onde podemos aprender que na natureza o resíduo de uma espécie pode servir como alimento para outra, onde podemos ver como é o processo de crescimento dos legumes e vegetais, do que eles precisam, quanto tempo demora até eles poderem ser colhidos, quais outros seres vivos uma horta pode abrigar, é um local onde se percebem as redes, onde se pode observar os ciclos e fluxos dos ecossistemas (DUAILIBI, s.d.). Quando aprendemos esses princípios básicos de funcionamento da natureza, começamos a entender como tudo em nosso planeta está interligado. A natureza sustenta a vida através de padrões de organização, e esses padrões se manifestam em diferentes níveis. Percebemos também que nenhum organismo pode existir isoladamente. E por isso a sustentabilidade deve ultrapassar os limites da sociedade, de nossos

costumes e modo de vida, e ser colocada como parte de uma rede bem maior e mais complexa de relações, que envolve todas as comunidades vivas. A Alfabetização Ecológica tem o potencial de despertar esse sentimento de comprometimento com o nosso planeta, ao nos mostrar como pertencemos fundamentalmente a chamada Teia da Vida. E todos esses ensinamentos, a visão não-linear, a ideia de redes, são o link principal entre Espiritualidade e Ecologia. Os conceitos para criação de comunidades sustentáveis de acordo com a Alfabetização Ecológica, que são baseados em princípios da Ecologia, são também os princípios de quem despertou para a espiritualidade. Os ensinamentos da Natureza utilizados na Alfabetização Ecológica e que devem ser respeitados se buscamos criar sociedades sustentáveis, são os mesmos que mencionamos anteriormente como o elo entre Ecologia e Espiritualidade: redes, sistemas aninhados, interdependência, ciclos, equilíbrio dinâmicos.

A partir disto, todos eles nos mostram basicamente como a vida em si conecta e está conectada a todas as coisas. Isso nos remete àquelas definições de Espiritualidade mencionadas anteriormente: o sentimento de unicidade, de conexão com o cosmos, a interdependência, a quebra da fronteira entre o “eu” e o mundo, a não-dualidade, a não-separação entre sujeito e objeto, a capacidade de ver a vida de uma perspectiva maior, etc. Sendo assim, a educação que aqui falamos busca despertar essa ecologia interna, que é a origem da consciência ecológica verdadeira e do respeito por todas as formas de vida, que são necessárias para a existência individual. Essa é a lição que a Natureza tem para nos passar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi mostrar como o aprendizado sobre Ecologia, no seu termo mais amplo, e a consciência ecológica, assim como sentimentos de cuidado e proteção da natureza, são algo que pode ser aprendido e desenvolvido a partir de dentro de nós, através da Espiritualidade, e como isso pode ajudar na crise ambiental que estamos vivenciando, através da construção de pessoas e, conseqüentemente, sociedades mais conscientes e sustentáveis. Fizemos isso mostrando como os conceitos e ensinamentos das duas coisas – Ecologia e Espiritualidade - estão relacionados. Procuramos mostrar como a Espiritualidade não é algo particular de algumas pessoas, ou mesmo tem necessariamente a ver

com religião ou com algo além do homem, e sim é um aspecto de nossa personalidade, e pode inclusive ser desenvolvida e incentivada da mesma maneira que a inteligência racional e a emocional. E falamos sobre como uma educação que tenha como ideal criar uma sociedade verdadeiramente sustentável e ecologicamente consciente pode ser beneficiada se trabalharmos essa nossa capacidade inata de transcendência.

Se você entende que suas ações interferem no meio em que você vive, por mais pequenas que sejam, isso é espiritualidade. Se você consegue enxergar as situações além do seu aspecto imediato e colocá-las sob uma perspectiva mais ampla, tanto temporal quanto espacialmente, incluindo como elas podem se ligar a outras situações e realidades, você já está desenvolvendo sua inteligência espiritual. A partir do momento que entendemos que isso é algo que já existe dentro de nós, devemos aproveitar esse potencial a favor do meio-ambiente e da construção de sociedades mais justas e sustentáveis, tanto do ponto de vista social quanto ambiental.

Entendemos que a real sustentabilidade, e a convivência harmônica entre ser humano e natureza, só será alcançada quando começarmos a organizar nossas sociedades e tudo que dela é fruto - a economia, as próprias cidades, a maneira que produzimos e usamos os recursos naturais, a maneira que nos relacionamos entre nós e com as outras espécies, e inclusive a maneira como fazemos ciência - de acordo com as leis que regem qualquer ecossistema, entendendo que não somos mais importantes do que qualquer outra forma de vida e de que nada aqui existe para nos servir, acima de tudo respeitando tudo o que compõe este sistema vivo chamado Terra.

Nosso estudo sugere que a Alfabetização Ecológica é um bom exemplo prático de como podemos começar essa mudança, de uma visão de mundo antropocêntrica para uma ecocêntrica. Nesse sentido, abdicamos do controle de tudo e entendemos que quem realmente está no controle é a natureza e as suas leis, que permitiram que a vida do jeito que ela é chegasse até aqui. Por mais que consigamos manter nosso estilo de vida da maneira como está por algum tempo, por mais que criemos tecnologias que permitam que a natureza se submeta a nossos caprichos, sabemos que o desequilíbrio gerado por isso uma hora irá chegar em nós. Mas nossa incapacidade de enxergar além, e a maneira silenciosa e paciente com a qual a natureza age, nos tem feito crer que esse dia está mais distante do que possa

parecer. Porém, algumas reações já estão aí, só é necessário que tenhamos uma visão mais aberta e abrangente para que possamos enxergar as conexões: cada vez mais pessoas com problemas de saúde, tanto físicos quanto psicológicos, a pobreza, a fome, a escassez, a mudança climática, a falta d'água. Nada disso é natural e nem inevitável. Nós teríamos o suficiente para todos, se simplesmente não usássemos mais do que o suficiente. Parece óbvio colocando dessa maneira, mas é incrível como temos dificuldade de enxergar isso.

Quando enxergarmos que podemos viver tão bem quanto qualquer outro ser vivo, pois todos compartilhamos da mesma casa e fazemos parte dos mesmos processos, quando respeitarmos esses processos, talvez não seja mais preciso criarmos locais específicos de preservação do meio-ambiente, onde o homem não pode entrar ou tem acesso limitado. A sociedade acredita que é intrinsecamente um problema para o meio-ambiente, que os dois não podem conviver em uma relação harmônica, mas isso não é verdade. É apenas verdade se não pretendemos mudar nossa maneira de enxergar e usar nossos espaços, nossa maneira de nos relacionarmos com os outros e com a Terra, se não mudarmos nossos valores e nossa cultura. E isso é totalmente possível, embora não sem algum trabalho. Apesar de leis, unidades e medidas mitigatórias ajudarem a minimizar os impactos causados por nós, elas nunca vão ser superiores ao conjunto dos impactos em si. E por isso são apenas medidas, uma maneira que encontramos de diminuir o problema sem abrir mão de nosso estilo de vida. Mas, infelizmente (ou felizmente), se a verdadeira mudança e preservação do meio-ambiente é o que estamos buscando, precisaremos fazer algumas renúncias. Mas isso não precisa ser tão difícil. Afinal é, na verdade, bem mais simples do que parece.

Como dito antes, já temos esse instinto dentro de nós, a espiritualidade nos traz esse sentimento de unicidade e consciência dos processos conectados em nosso planeta, e não precisamos de mais do que isso para termos ações e sociedades sustentáveis. Para protegermos precisamos estabelecer uma ligação com nossa casa, e essa ligação não nasce de uma visão fragmentada, hierarquizada, que só vê a natureza como fonte de recursos. Essa ligação nasce do sentimento de conexão e de pertencimento. Nós cuidamos do que nós nos identificamos, portanto se soubermos que, por exemplo, ao desmatar e poluir a água estamos comprometendo centenas de outras vidas e a nossa própria, isso em si é um pensamento ecológico,

e se tomado por base, se usado como guia para nossas ações, pode auxiliar no fim da crise ambiental.

E qual o ponto de partida? Talvez desenvolvendo esse sentimento de pertencimento e conectividade desde cedo, mostrando que nós não estamos separados do meio-ambiente e não somos superiores a nada, portanto nossas ações devem estar de acordo com seus ciclos, com seus processos e com o seu tempo. E a maneira mais prática e efetiva de fazermos isso é através da educação. Lembrando que quando falamos em educação, falamos do despertar, através do uso de certas ferramentas e conhecimentos, de algo que já existe dentro de nós. E não podemos deixar de considerar aqui que existe mais de um tipo de educação além da formal que é aquela que aprendemos na escola: a educação informal, que é o aprendizado que temos no nosso dia-a-dia e na nossa convivência em sociedade, com nossos familiares, com nossa comunidade, com o que lemos e vemos na TV, com o que nos é mostrado que é bom e importante. Os valores que passamos para nossas crianças em sociedade são tão importantes quanto o que elas aprendem dentro da escola. Não é uma medida rápida, com certeza, mas também não estamos lidando com um problema simples. Medidas rápidas, nesse caso, não estão avaliando a real complexidade do problema, e por isso não podem ser duradouras e efetivas.

Podemos trabalhar nossa espiritualidade de diversas maneiras, através de exercícios que induzem a reflexão como meditação, yoga, tai chi-chuan, danças, terapias, etc., e todas essas atividades já estão sendo desenvolvidas por escolas ao redor do mundo e se mostrando extremamente benéficas para a saúde física e psicológica das crianças. Portanto, não é necessário criar algo novo, apenas expandir esse método para um entendimento que vai além do individual, que incorpora todo o planeta e nosso lugar dentro dele. E, na Alfabetização Ecológica, observar a natureza funcionando nos auxilia nesse entendimento e autoconhecimento de nós mesmos enquanto parte da Natureza. Assim, a Espiritualidade em si, apesar de poder ser desenvolvida através da educação, não é uma matéria, justamente porque não pode ser “ensinada”.

Tendo o que foi apresentado como base, entendemos que ela pode apenas nos ser incentivada, mas está além e dentro dos outros aprendizados, e deve ser sentida em todas as coisas que fazemos. Se for desenvolvida através de uma Educação Integral, que considera todos os aspectos do ser humano, ela pode ajudar a

construir uma sociedade mais consciente ambientalmente falando, mesmo que as pessoas não estejam aprendendo Ecologia diretamente, pois não precisamos saber dos conceitos para saber que toda ação tem uma reação, que nossa conduta nesse planeta afeta outros seres, que nós somos interdependentes de todo o equilíbrio mantido pela natureza.

A educação tem como finalidade tornar o ser humano sensível para enfrentar os desafios da vida, torná-lo inteligente e consciente em todos os níveis (BARRETO, 2007). Dessa maneira, é através dela que podemos auxiliar nesse processo de despertar, de desenvolvimento e expansão da consciência das pessoas, considerando que “é na consciência que repousam as Leis Naturais que regem o Universo” (Ibid, 2006). Como vimos, é provável que esse processo de autoconhecimento ou autodesenvolvimento, que chamamos aqui de Espiritualidade ou consciência cósmica, é que poderá oferecer às pessoas condições para assumir suas responsabilidades tanto em relação à crise social quanto a crise ambiental que estamos vivenciando (SOARES, 2006). Não precisamos criar locais específicos onde a natureza pode crescer livremente, locais específicos para preservá-la. Ela é todo o nosso entorno, é nossa casa, e se existe a possibilidade de enxergarmos o mundo a partir dessa perspectiva, e se isso pode ajudar na solução das muitas crises pelas quais estamos passando nesse momento, devemos ouvi-la.

Para finalizar, transcrevo a seguir duas frases do guru indiano J. Krishnamurti, que foi quem inspirou Fritjof Capra, tão citado ao longo desse trabalho, dispersor do conceito de Teia da Vida, a adentrar o caminho espiritual e assim conseguir enxergá-lo dentro de todos os outros conhecimentos existentes, em especial a Ecologia, e, posteriormente conceber-nos a Alfabetização Ecológica:

"Estamos enfrentando uma enorme crise: uma crise que os políticos nunca conseguirão resolver porque estão programados para pensar de uma maneira particular - nem os cientistas podem entender ou resolver, nem o mundo dos negócios, o mundo do dinheiro. O ponto de virada, o desafio e a decisão, não estão nas mãos da política, da religião, do mundo científico, e sim em nossa consciência. É preciso compreender a consciência da humanidade, que é o que nos trouxe a este ponto" (J. Krishnamurti, 1981).

"O mundo não é algo separado de você e de mim; o mundo, a sociedade, são baseados nos relacionamentos que estabelecemos ou buscamos estabelecer entre nós mesmos. Então, você e eu somos o problema, e não o mundo, porque o mundo é apenas uma projeção de nós mesmos, e para entender o mundo, devemos antes nos entender. Nós somos o mundo, e seus problemas são os nossos problemas." (J. Krishnamurti, 1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Luciana Angélica. **Psicologia transpessoal, consciência e espiritualidade**. Monografia de conclusão de curso. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas. 2016.

BACELAR, Rosa Maria de Melo. **Educação, inteligência espiritual e desenvolvimento sustentável: um estudo de caso em uma instituição de ensino superior da cidade do Recife**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável) – Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco. Universidade de Pernambuco, 2009

BARRETO, M. O. **Consciência e educação**. In: I Simpósio sobre Nacional sobre, 1., 2006. Salvador. Em busca da Consciência que está por vir. Fundação OCIDENTE, p.126-143, 2006. Disponível em: <
http://simposioconsciencia.com.br/uploads/anais2016/ANAIS_I_SIMPOSIO_INTERNACIONAL_SOBRE_CONSCIENCIA_2006.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2016

_____. **O papel da criatividade no ensino superior**. Dialogos & Ciência. Revista da Rede de Ensino FTC, ano V, nº 12. 2007. Disponível em:
http://dialogos.ftc.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=65&Itemid=15. Acesso: 8 de junho de 2017.

_____. **Teoria e Prática de uma Educação Integral**. 1 ed. Salvador: Sathyarte, 2006.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias, 2012.

_____. **Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres**. 1 ed. São Paulo: Editora Vozes, 1995.

BOOKCHIN, Murray. **What is Social Ecology?** 2007. Disponível em: <
<http://thanatos.co.za/wpcontent/uploads/2017/02/M. Bookchin What is Social Ecology.pdf>>. Acesso: 20 de março de 2017.

BOTELHO, L.L.R., Cunha, C. & Macedo, M. (2011). **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. Gestão e Sociedade, 5(11), 2011. p. 121-136.

CAMARGO, Thiago Dutra de. **Educação Integral e espiritualidade: Os benefícios dessa relação para a formação integral do ser humano**. Trabalhos de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Integral) - Faculdade de Educação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

CAPRA, Fritjof et al. **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

_____. **As Conexões Ocultas: Ciência para uma vida sustentável**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

_____. **O ponto de mutação.** 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1982

_____. **O Tao da física: uma análise dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental.** 28ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

CARVALHO, Marco Aurélio Bilibio. **De Frente para o Espelho: Ecopsicologia e Sustentabilidade.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa.** Rev. Col. Bras. Cir., Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, dez. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 de nov. de 2016

CREMA, Roberto. **Novo Milênio, Nova Consciência.** In: I Simpósio Nacional sobre Consciência, 1., 2006. Salvador. Em busca da consciência que está por vir. Salvador: Fundação OCIDENTE, p.104-125, 2006. Disponível em: <http://simposioconsciencia.com.br/uploads/anais2016/ANAIS_I_SIMPOSIO_INTERNACIONAL_SOBRE_CONSCIENCIA_2006.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2016

DI BIASE, Francisco. **Em busca da consciência que está por vir.** In: I Simpósio Nacional sobre Consciência: em busca da consciência que está por vir, 1., 2006. Salvador. Fundação OCIDENTE, p.4-6, 2006. Disponível em: <http://simposioconsciencia.com.br/uploads/anais2016/ANAIS_I_SIMPOSIO_INTERNACIONAL_SOBRE_CONSCIENCIA_2006.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2016

DIETRICH, Luiz José. **Pautas para uma hermenêutica ecológica: a solidariedade abarcando todas as formas de vida.** *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 46, n. 1, p. 77-88. 2007.

DUAILIBI, Miriam. **Alfabetização Ecológica, do que estamos falando?** Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/Capra2_1263223736.pdf>. Acesso: 8 de julho de 2017.

ESBJÖRN-HARGENS, Sean e Zimmerman, Michael E. **An overview of integral ecology: a comprehensive approach to today's complex planetary issues.** Integral Institute - Resource Paper no. 2. 2009.

FERNANDES, Henrique de Oliveira. **Espiritualidade na psicologia de Abraham H. Maslow.** Monografia apresentada para a obtenção do Certificado de Especialização em Ciências da Religião do Programa de Pós-graduação *Lato Sensu*. Rio de Janeiro: Faculdade de São Bento (FSB/RJ). 2012.

FERREIRA, Aurino Lima. **Do entre-deux de Merleau-Ponty à atenção consciente do budismo e da aborgagem transpessoal: análise de experiência de uma formação integral.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

FOX, Warwick. **Transpersonal ecology: "Psychologizing" ecophilosophy.** *The Journal of Transpersonal Psychology*, 22(1), 59. 1990.

HAECKEL, E. **Generelle Morphologie der Organismen. 1 ed. Berlin: G. Reimer. 1866.** Disponível em: < http://darwinonline.org.uk/converted/pdf/1866_Haeckel_A959.1.pdf> . Acesso em: 10 de out. de 2016

KEDDY, Paul A. **Plants and Vegetation.** 2007. Cambridge: Cambridge University Press.

KRISHNAMURTI, J. **The Network of Thought.** 1981. Disponível em: <<http://www.jkrishnamurti.org/krishnamurti-teachings/print.php?tid=8&chid=56898>> Acesso: 18 de julho de 2017

_____. **Book of life.** 1995. Disponível em: <https://selfdefinition.org/krishnamurti/Jiddu_Krishnamurt_The_Book_of_Life.pdf> Acesso: 18 de julho de 2017.

LEITE, Selene Zaidan. **O que é a Psicologia Transpessoal.** Monografia apresentada à disciplina de Orientação de Monografia - Curso de Psicologia. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica. 2008.

LEVY, Clayton. **Espiritualidade na abordagem transpessoal,** 2016. Disponível em: < <https://blogclaytonlevy.com/2016/01/29/a-espiritualidade-na-abordagem-transpessoal/>>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

LOPES, Vicente L. **Reconciliando Diferenças entre Humanidade e Natureza,** 2012: Disponível em: http://educarvivendo.blogspot.com.br/2012_10_14_archive.html. Acesso: 28 de abril de 2017.

LOVATTO, P. B., ALTEMBURG, S. N., CASALINHO, H., LOBO, E. A. **Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa.** REDES, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p. 122 – 137. 2011.

MCCRAE, R. R. & Costa, P. T., Jr. **Trait explanations in personality psychology.** European Journal of Personality, v.9, p. 231-252. 1995

MUELLER, Paul S.; PLEVAK, David J.; RUMMANS, Teresa A. **Religious Involvement, Spirituality, and Medicine: Implications for Clinical Practice.** Mayo Clinic Proceedings, v. 76, n. 12, p.1225-1235, dez. 2001.

NELSON, Michael P. **Origins of the Deep Ecology Movement.** In: Encyclopedia of Environmental Ethics and Philosophy. 1ª ed. Macmillan Reference USA, p. 206-211, 2008.

NUNES JUNIOR, Amandino Teixeira. **O estado ambiental de direito.** Revista de informação legislativa, v. 41, n. 163, p. 295-307. 2004. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/996>. Acesso: 19 de abril de 2017.

PHILLIPS, Vanessa. **The Tao Te Ching and its Relation to Deep Ecology,** 1999. Disponível em: < <http://preserve.lehigh.edu/cas-lehighreview-vol-7/18> >. Acesso em: 18 de abril de 2017.

PIEDMONT, Ralph L. **Does Spirituality Represent the Sixth Factor of Personality? Spiritual Transcendence and the Five-Factor Model.** Journal of Personality, v. 67, n. 6, p. 985–1013, 1999.

REICHOW, Jeverson Rogério Costa. **Consciência e Transdisciplinaridade.** In: I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE CONSCIÊNCIA, 1, 2006, Salvador. Fundação OCIDENTE, p.104-125,

2006. Disponível em: <
http://simposioconsciencia.com.br/uploads/anais2016/ANAIS_I_SIMPOSIO_INTERNACIONAL_SOBRE_CONSCIENCIA_2006.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2016
- RIBEIRO, Mauricio Andrés. **Ecologia Transpessoal**. 2010. Disponível em: <
<http://www.lavras24horas.com.br/portal/ecologia-transpessoal/>>. Acesso: 07 de abril de 2017.
- _____. **As ciências ecológicas**, s.d. Disponível em: <
http://www.ecologizar.com.br/docs/01_as_ciencias_ecologicas.pdf > Acesso: 14 de março de 2017.
- ROHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade**. In: Dialogos em Educação e Espiritualidade. 1ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.
- _____. **Espiritualidade e educação**. In: Diálogos em Educação e Espiritualidade. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, p. 13-52.
- _____. **Espiritualidade e Formação Humana**. In: XVIII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Maceió. Anais do 18 Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Maceió : Qgráfica, p. 1-15., 2007
- ROSZAK, Theodore. **The voice of the earth: An exploration of ecopsychology**. 1 ed. New York: Simon & Schuster. 1992.
- _____. **Where Psyche Meets Gaia**. In: Roszak, T., Gomes, M.E. & Kanner, A.D. (Org.) *Ecopsychology: Restoring the Earth, Healing the Mind*. São Francisco, CA: Sierra Club Books, 1995. p. 1-17
- ROTHER, E. T. **Revisão sistemática x revisão narrativa**. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>>. Acesso em: 03/11/16
- SABER, Zaine Ferreira Amin. **A psicologia como agente transformadora da consciência ambiental no homem**. Monografia apresentada para conclusão do curso de Psicologia. Rio de Janeiro: IBMR – LAUREATE. 2011.
- SALDANHA, Vera Peceguini. **Didática Transpessoal: Perspectivas inovadoras para uma educação integral**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- SANTOS, Boaventura S. **Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento**. Porto Alegre: UFRGS, Revista Educação & Realidade, V. 26, n. 1. 2001.
- SHELDRAKE, Philip. **A brief history of spirituality**. 1ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- SNELL, Tristan L., Simmonds, Janette G. e Webster, R. Scott. **Spirituality in the work of Theodore Roszak: implications for contemporary ecopsychology**. *Ecopsychology*, vol. 3, no. 2, pp. 105-113, 2011.
- SOARES, Noemi Salgado. **A consciência da arte de aprender para o autodesenvolvimento do ser humano**. In: I Simpósio sobre Nacional sobre, 1., 2006.

Salvador. Em busca da Consciência que está por vir. Fundação OCIDENTE, p.179-199, 2006. Disponível em: <http://simposioconsciencia.com.br/uploads/anais2016/ANAIS_I_SIMPOSIO_INTERNACIONAL_SOBRE_CONSCIENCIA_2006.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2016.

SORIA, E. C. Rodriguez. **Ecologia Humana e Ecologia Profunda na Práxis de Educação Ambiental da Escola da Natureza**. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 2012.

SPONCEL, Leslie E. **Spiritual Ecology: A quiet revolution, 2012**. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Spiritual_Ecology_A_Quiet_Revolution.html?id=VlxwDLdcxuEC&redir_esc=y>. Acesso: 24 de fev. de 2017.

SUTICH, A. J. **Some Considerations Regarding Transpersonal Psychology**. In: The Journal of Transpersonal Psychology. 1(1): 72, 1969.

TAYLOR, Bron. **Avatar and Natural Spirituality**. 1ª ed. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2013.

_____. **Earth and Nature-Based Spirituality (Part I): From Deep Ecology to Radical Environmentalism**. Religion, v. 31, n. 2, p. 175-193. 2001.

VAUGHAN, F. **What is Spiritual Intelligence?** Journal of Humanistic Psychology, v. 42, n. 2, p. 16-33. 2002.

VIEIRA, Tarcísio Pedro. **O nosso Deus – um Deus ecológico: por uma compreensão ético-teológica da ecologia**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 1999.

WILBER, Ken. **A prática de vida integral: um guia do século XXI para saúde física, equilíbrio emocional, clareza mental e despertar espiritual**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2011

ZINNBAUER, Brian J. et al. **Religion and Spirituality: Unfuzzying the Fuzzy**. Journal for the Scientific Study of Religion, v. 36, n. 4, p. 549-564. 1997.

ZOHAR, Danah. **Rewiring the Corporate Brain**. 1ª ed. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 1997.